



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

RAFAEL CICUTTO FLOSI

TURISMO SOMBRIO E CAPITALISMO: ENTRE MEMÓRIA E MERCADO

OURO PRETO - MG

2026

RAFAEL CICUTTO FLOSI

TURISMO SOMBRIO E CAPITALISMO: ENTRE MEMÓRIA E MERCADO

Monografia apresentada para compor a avaliação final do Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo

Orientador: Prof. Rodrigo Meira Martoni

OURO PRETO - MG

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F632t Flosi, Rafael Cicutto.

Turismo sombrio e capitalismo [manuscrito]: entre memória e mercado. / Rafael Cicutto Flosi. - 2026.
60 f.: il.: color., tab.. (Série: 1079390)

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Martoni.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Fetichismo da mercadoria. 2. Turismo - Turismo sombrio. 3. Fetichismo. I. Martoni, Rodrigo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Rafael Cicutto Flosi

TURISMO SOMBRIO E CAPITALISMO: ENTRE MEMÓRIA E MERCADO

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2026

Membros da banca:

Prof. Dr. Rodrigo Meira Martoni - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Bruno Pereira Bedim - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Bruno Martins Gomes - Universidade Federal de Ouro Preto

Rodrigo Meira Martoni, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Meira Martoni, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2026, às 21:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1079390** e o código CRC **55131FC9**.

À minha família e aos meus amigos, que sempre me apoiaram e tornaram possível a conclusão desta monografia. Ao meu orientador, à minha universidade e finalmente ao meu curso.

RESUMO

Este estudo aborda o fenômeno do turismo sombrio e sua relação com questões éticas relacionadas à exploração comercial de locais ligados a tragédias humanas. O objetivo principal da pesquisa foi analisar os limites entre lucratividade e respeito às memórias das vítimas nesse contexto específico de turismo sombrio. Considerou-se os impactos sociais, culturais e econômicos desse tipo de turismo ao longo do estudo. Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica embasada em autores especializados em turismo, sociologia e ética abordando principalmente estudos sobre o turismo sombrio. Para entender os dilemas éticos relacionados à exploração dessas regiões específicas para o turismo foi feita uma análise detalhada sobre destinos turísticos que englobam locais de tragédias como campos de concentração e áreas afetadas por desastres. A conclusão ressalta a importância de um debate mais profundo sobre os limites do turismo em regiões marcadas pelo sofrimento humano e destaca a necessidade crucial de considerar as implicações sociais e culturais sem ignorar a preservação da memória histórica e a dignidade das vítimas. Este estudo pretende ser uma contribuição para que as coletividades reflitam acerca das práticas do turismo sombrio e, a depender, se posicionem no sentido de enfrentar a mercantilização que ultrapassa os limites da ética.

Palavras-chave: turismo sombrio; ética; mercantilização.

ABSTRACT

This study investigated the phenomenon of dark tourism and its relationship with ethical issues related to the commercial exploitation of sites linked to human tragedies. The main objective of the research was to analyze the boundaries between profitability and respect for the memories of the victims in this specific context of dark tourism. The study considered the social, cultural, and economic impacts of this type of tourism. To this end, a bibliographic review was carried out based on authors specialized in tourism, sociology, and ethics, focusing mainly on studies about dark tourism. In order to understand the ethical dilemmas related to the exploitation of these specific regions for tourism, a detailed analysis was conducted on tourist destinations that encompass places of tragedies such as concentration camps and areas affected by disasters. The conclusion highlights the importance of a deeper debate on the limits of tourism in regions marked by human suffering and emphasizes the crucial need to consider social and cultural implications without ignoring the preservation of historical memory and the dignity of the victims. This study aims to contribute to encouraging communities to reflect on the practices of dark tourism and, if necessary, take a stand against commodification that exceeds ethical boundaries.

Keywords: dark tourism; ethics; commodification.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O CAPITALISMO COMO MÁQUINA DE MERCADORIAS: TURISMO, FETICHISMO E A EXPLORAÇÃO DA DOR.....	9
3. TURISMO SOMBRIO: IMPACTOS E MERCADO.....	19
4. MEMÓRIA E TRAGÉDIA: PRINCIPAIS DESTINOS DO TURISMO SOMBRIO...	39
4.1 Auschwitz-Birkenau (Polônia): A mercantilização do Holocausto.....	41
4.2 Chernobyl (Ucrânia): O fascínio pela catástrofe nuclear.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	56

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o turismo tem experimentado mudanças substanciais, ampliando seu leque de experiências para além das habituais férias ao sol e de simples descanso. Nesse cenário, desponta o chamado “turismo sombrio” (FOLEY; LENNON, 1996), que se define pela visita a locais ligados a tragédias, mortes e sofrimento humano. Esses lugares — que vão desde antigas prisões até zonas de desastres — tornaram-se destinos bastante procurados, alimentando um debate acadêmico que ganha urgência. Embora o turismo sombrio atraia visitantes, ele levanta sérias questões éticas, pois a comercialização do sofrimento pode desrespeitar a memória das vítimas (STONE; SHARPLEY 2008).

O objetivo central deste estudo é sondar o turismo sombrio sob uma perspectiva crítica, desvendando como as estruturas capitalistas convertem tragédias em mercadorias. Mais especificamente, a pesquisa pretende: 1. mapear destinos turísticos de destaque no âmbito do turismo sombrio, como Auschwitz e Chernobyl, ressaltando suas particularidades; 2. investigar os dilemas éticos que emergem da comercialização de locais marcados pelo sofrimento; 3. analisar os impactos sociais e econômicos desse tipo de turismo nas comunidades locais.

Ir a sítios marcados por tragédias não se trata de mero divertimento, mas sim de uma “busca por experiências intensas” (ARNOULD; PRICE, 1993), que funciona como catalisador para meditar sobre a própria natureza humana e o curso da história. Ainda que a pesquisa revele novas perspectivas, ela simultaneamente evidencia questões éticas, sobretudo quando esses locais são transformados em “produtos turísticos” (XU, 2010). Tal fenômeno será examinado aqui sob a ótica dos conceitos de fetichismo da mercadoria e de mais-valia (MARX, 1996).

Para atingir esses objetivos, decidi empreender uma investigação qualitativa, valendo-se das técnicas de análise bibliográfica e documental. A revisão bibliográfica apoia-se em autores de referência como Foley e Lennon (1996), Stone e Sharpley (2008) e Stone (2006), que estruturam os alicerces do turismo sombrio, bem como no referencial teórico de Marx (1996) para a crítica da economia política. A análise documental incluiu a consulta a:

- Relatórios institucionais e de gestão referentes aos sítios de Auschwitz e Chernobyl;
- Documentários que desvendam a teia da comercialização desses locais;

- Materiais expográficos e de comunicação para os memoriais;
- Reportagens e coberturas jornalísticas que retratam a vivência turística nestes destinos.

A contribuição que se espera com o estudo está na intensificação da procura por vivências turísticas fora do comum e na necessidade premente de mapear os limites éticos dessa prática. Ao examinar as ramificações do turismo sombrio, este trabalho procura enriquecer um debate que transcende o próprio turismo, interpelando o papel do capitalismo na metamorfose da memória histórica e do sofrimento em espetáculo (MARTONI, 2019). O estudo parte da suposição de que o turismo sombrio não se apresenta como um fenômeno isolado, mas como um espelho das profundas mutações da sociedade contemporânea, nas quais morte e tragédia são reintroduzidas ao domínio público e transformadas em mercadorias prontas para consumo (STONE; SHARPLEY, 2008).

Esta investigação adota um olhar interdisciplinar, entrelaçando Turismo, Sociologia e História para captar de forma mais abrangente o fenômeno em questão. Ao colocar em evidência as tensões entre a mercantilização da morte e a preservação da memória histórica, busca suscitar debates sobre os limites e as repercussões dessa prática na contemporaneidade, sem apresentar um modelo idealizado, mas sim sondar suas múltiplas facetas e contradições essenciais.

A motivação pessoal do pesquisador para o presente trabalho surgiu a partir de uma visita ao Museu Estadual do campo de concentração de Auschwitz Birkenau na Polônia. Um dos lugares com maior representatividade no âmago do turismo sombrio, que propõe as mais diversas reflexões sobre a história e comportamento da sociedade, e sua relação com as regras, políticas e modos de vida. Ao observar os turistas naquele local, assim como a estrutura turística que o envolve, surgiu uma curiosidade sempre crescente de entender como as relações ali ocorriam entre visitante e atrativo; quais seriam suas motivações; quais deveriam ser suas posturas; e o quanto a história poderia ter sido modificada para se adequar a sociedade contemporânea.

2. O CAPITALISMO COMO MÁQUINA DE MERCADORIAS: TURISMO, FETICHISMO E A EXPLORAÇÃO DA DOR

No sistema econômico e social do capitalismo tudo se torna mercadoria, inclusive o trabalho humano, onde o “valor de troca prevalece sobre o valor de uso” (MARX, 1996); assim sendo que não se produzem bens somente para satisfazer as necessidades humanas mas também para maximizar lucros através da extração do excedente de valor, um aspecto primordial na acumulação de capital segundo Karl Marx ao observar essa dinâmica e sublinha que apenas interessa ao capitalista os valores de uso na medida em que representam valor de troca. Em outras palavras, um produto ou serviço não é considerado economicamente relevante no contexto capitalista se não puder ser comercializado e principalmente se não puder “gerar lucros além dos custos” para produzi-lo (MARX, 1996). Portanto, no sistema capitalista, não é o valor real dos bens que importam, mas sim sua capacidade de serem circulados no mercado para gerar “um retorno financeiro maior que o investimento inicial” (MARX, 1996).

O capital contrata mão-de-obra e recursos produtivos não com o propósito intrínseco de criar algo realmente útil em si mesmo; mas sim com o intuito de garantir que o valor da mercadoria final ultrapasse os custos “despendidos na produção dos seus elementos constituintes” (MARX, 1996). Assim sendo, a intenção por trás da produção no sistema capitalista não é necessariamente gerar a reprodução da sociedade ou “fomentar o bem comum coletivo”; mas focam na contínua acumulação de riqueza (MARX, 1996).

O valor de uso não é, de modo algum, a coisa qu'on aime pour lui-même. Produzem-se aqui valores de uso somente porque e na medida em que sejam substrato material, portadores do valor de troca. E para nosso capitalista, trata-se de duas coisas. Primeiro, ele quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria: Segundo ele quer produzir uma mercadoria cujo valor seja mais alto que a soma dos valores das mercadorias exigidas para produzi-la, os meios de produção e a força de trabalho, para as quais adiantou seu bom dinheiro no mercado. Quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria, não só valor de uso, mas valor e não só valor, mas também mais-valia (MARX, 1996, p. 305).

Além disso, esse processo resulta em distorções significativas na economia e na sociedade. Muitos produtos são fabricados “visando gerar lucros” adicionais, desde “armas até parques temáticos”, enquanto as “necessidades básicas podem

ser negligenciadas se não forem rentáveis” (MARX, 1996). Adicionalmente, a busca incessante por lucros impulsiona a exploração da mão de obra, já que o capital busca extrair o máximo possível dos trabalhadores, seja prolongando as jornadas de trabalho, “acelerando o ritmo produtivo ou diminuindo os custos salariais” (MARX, 1996). O funcionamento do capital acaba mantendo a disparidade entre as pessoas, afastando-as de suas próprias atividades laborais; isso cria um ciclo no qual a busca pela riqueza prevalece sobre as necessidades humanas.

O capitalista utiliza parte desse excedente financeiro obtido para reinvestir no maquinário ou infraestrutura produtiva, aumentando não apenas seu próprio patrimônio, mas também “ampliando as possibilidades de produção e expansão” de seus negócios pelo desenvolvimento e crescimento contínuos (MARX, 1996). Esse reinvestimento garante assim o prolongamento do ciclo de acumulação econômica dentro do sistema organizacional estabelecido, promovendo assim um ciclo de prosperidade financeira e crescimento no âmbito empresarial.

O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou. Se o trabalhador consome seu tempo disponível para si, então rouba ao capitalista (MARX, 1996, p. 347).

Portanto, a mercadoria não é apenas um produto ou serviço; ela também representa as relações sociais envolvidas na produção e reflete tanto o trabalho humano quanto às contradições do sistema capitalista presentes na precária situação dos trabalhadores no ramo do turismo e na transformação de experiências culturais e históricas em mercadorias comercializáveis. O conceito de “fetiche da mercadoria”, introduzido por Marx, faz referência à maneira como as interações sociais entre indivíduos são ignoradas, passam a ser vistas como relações entre objetos (MARX, 1996). No sistema capitalista de hoje em dia é comum observar que as mercadorias adquirem uma aparência quase viva e “escondem por trás de si a exploração do trabalho humano” que contribuiu para a sua produção. “Escondendo assim as relações de produção” que viabilizaram sua existência (MARX, 1996).

Esse fenômeno é o que Marx denomina como “fetichismo da mercadoria”: a convicção de que os objetos possuem valor próprio desvinculado do trabalho humano envolvido em sua criação (MARX, 1996). No sistema capitalista, esse pensamento esconde as questões sócio laborais envolvidas na produção de bens e

serviços, dificultando que os consumidores percebam a exploração do trabalho necessária para sua realização.

A obsessão por produtos em destinos turísticos sombrios surge quando lugares de sofrimento e tragédia são transformados em pontos turísticos (STONE, 2013), muitas vezes sem consideração suficiente pela exploração dos habitantes locais ou pela distorção das narrativas históricas associadas (CHEN & XU, 2020). O comércio modifica a realidade ao embrulhar tragédias e eventos emocionalmente impactantes de maneira sensacionalista e simplista, tornando as histórias dolorosas consumíveis de forma impessoal (KORSTANJE, 2015). A distorção ocorre não apenas na maneira como os eventos são apresentados aos visitantes, mas também ao negligenciar as condições de trabalho e os desafios enfrentados pelos profissionais em busca de lucratividade no mercado.

Esse processo alterado oculta muitas vezes uma realidade adversa dos trabalhadores nesses lugares (CHEN & XU, 2020), as maneiras como as pessoas das comunidades locais cuidam desses locais revelam de forma indireta essa exploração nos espaços que oferecem experiências únicas aos visitantes. Quando o turismo sombrio é transformado em um produto vendável, não apenas simplifica-se a complexidade das tragédias vivenciadas nesses lugares (KORSTANJE, 2015), mas também se negligenciam as condições sociais e econômicas que sustentam essas localidades e as pessoas que nela trabalham (ROBINSON et al., 2019).

Locais onde ocorreram eventos terríveis no passado, como campos de atrocidades históricas, são cuidados por uma equipe diversificada que inclui curadores dedicados à preservação da memória dessas tragédias, guias que compartilham conhecimento com os visitantes, profissionais encarregados da limpeza para manter o local em perfeitas condições, seguranças que garantem a proteção do patrimônio histórico, equipes responsáveis pela divulgação do local através do marketing, além dos profissionais responsáveis pela manutenção das instalações. Nos hotéis, encontramos situações semelhantes, como os garçons que se dedicam a proporcionar um serviço de qualidade aos hóspedes, as camareiras que se responsabilizam por garantir o conforto dos quartos, os recepcionistas que recebem os visitantes com simpatia e os chefs que preparam pratos deliciosos para os turistas desfrutarem durante sua estadia no local.

É essencial valorizar o papel crucial desempenhado por esses profissionais em oferecer experiências culturais enriquecedoras aos visitantes dessas localidades

históricas ou turísticas. As condições laborais frequentemente caracterizadas por remunerações baixas e contratos instáveis incluindo requisitos emocionais como “ser simpático”, são encobertas pela ideia da qualidade no serviço prestado (URRY, 1996, p. 72).

A distinção entre o “front stage” (onde o turista vê tudo acontecer) e o “backstage” (os bastidores do trabalho), conforme discutido por MacCannell (apud URRY, 1996, p. 9), mostra como o trabalho é propositalmente mantido invisível e se tornando assim o fundamento silencioso da experiência de consumo para os visitantes. Isso contribui para normalizar a precarização desses trabalhadores e para perpetuar as desigualdades socioeconômicas profundamente enraizadas no sistema turístico.

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos (MARX, 1996, p. 198).

É somente através do contraste com outras mercadorias no mercado que seu valor se manifesta como um todo emergindo e ignorando as relações sociais que tornaram possível sua criação e produção uma vez (MARX, 1996). O valor está enraizado nas interações entre os bens comerciáveis, como peso, cor ou mesmo textura, e só se revela quando colocados em relação uns com os outros, valor aparece quando as mercadorias são situadas em relação umas com as outras no mercado. Esse método faz com que pareça que os produtos têm valor por si só, distinto do trabalho humano envolvido em sua produção (MARX, 1996).

No sistema capitalista há uma ocultação das relações sociais de produção que se manifestam de forma objetiva, ou seja, como se fossem relações entre objetos ao invés de entre indivíduos (MARX, 1996). Esse fenômeno contribui para justificar o sistema capitalista como algo naturalizado, tornando aparentemente inevitável, ou até mesmo imperceptível, uma exploração do trabalho e desigualdade social (KORSTANJE, 2015). Quando comercializados dessa forma, muitos desses locais perdem parte de sua riqueza histórica política original, transformando-se em experiências consumíveis superficiais desconectadas de seu significado crítico inicial (STONE, 2013).

Essencialmente é crucial entender que o apego excessivo às mercadorias tem implicações de grande alcance no âmbito social e político da sociedade atualmente em questão (MARX, 1996). A estimação dos produtos dificulta a percepção da realidade, de que a riqueza não é produzida por esforços individuais isolados; ela é resultado do trabalho coletivo dos indivíduos envolvidos nesse processo, ao mesmo tempo que oculta o fato de que o capitalista se apropria da mais-valia gerada pelos trabalhadores (KORSTANJE, 2015). Além disso, esse fenômeno de redução das interações humanas à mera lógica mercadológica, contribui para fortalecer o sentimento de alienação nas pessoas (STONE, 2013) e as impede de compreenderem as forças subjacentes responsáveis pela configuração de suas próprias vidas (ROBINSON et al., 2019).

O lucro excedente obtido pelo capitalista é reinvestido em parte na produção para estender o ciclo de acumulação de riqueza (MARX, 1996). Esse processo é fundamental para sustentar o capitalismo promovendo o crescimento continuamente. No entanto, essa ideia de acumulação não se restringe à produção material, mas se expande também para setores como o turismo que possui papel importante na economia global.

No âmbito do turismo, a atividade econômica é fortemente marcada pela lógica mercadológica (STONE, 2013). De fato, lugares, culturas, jornadas, e até mesmo o próprio tempo são transformados em mercadorias rentáveis (KORSTANJE, 2015). A comercialização da indústria do turismo vai além da simples venda de pacotes de viagem ou estadias; envolve também uma espécie de apropriação de elementos culturais, históricos e naturais que são reinterpretados como atrativos para os consumidores (CHEN & XU, 2020).

Conforme Martoni (2019), em sua obra "Turismo e Capital", é mencionado que "a separação e a espetacularização que tragam valores de uso e fazem deles valores para a troca com o propósito de fomentar a forma-mercadoria em tudo." (CHRISTIN; BOURDEAU, apud MARTONI, 2019, p. 24). Tal processo engloba desde o cuidado com locais históricos, até o aproveitamento de comunidades tradicionais, que frequentemente têm sua autenticidade diminuída em termos de apelo turístico.

Esse espaço, homogêneo e, contudo, deslocado, recortado e, entretanto, ordenado, desarticulado e, todavia, conservado, [efetiva-se como] um cenário e um estetismo não-funcionais, com

simulacros de festas e uma simulação do lúdico. É o espaço onde a conexão coercitiva se efetua por meio de um sistema de acessos às partes deslocadas: o espaço, ao mesmo tempo informe e duramente constrangedor das periferias e dos subúrbios; onde os cortiços, as favelas, as cidades de urgência completam os subúrbios residenciais; onde as normas reinam, prescrevendo as utilizações do tempo, enquanto se devota ao espaço toda espécie de discursos, interpretações, ideologias e valores “culturais”, artísticos etc. (LEFEBVRE, apud MARTONI, 2019, p. 26).

Fazendo assim uma transformação das vivências humanas em artigos palpáveis que só reforçam ainda mais o mecanismo do capitalismo, ao priorizar o acúmulo de riquezas em detrimento do bem-estar social e ambiental coletivo (MARTONI, 2019). Um espaço que costumava estar cheio de vida e riqueza cultural, pode se transformar em um ambiente centrado no consumo, onde as interações humanas são influenciadas pelo dinheiro e pela busca por entretenimento excessivo (LEFEBVRE, apud MARTONI, 2019).

O mercado muitas vezes distorce as verdades históricas e sociais dos locais turísticos sombrios ao transformá-los em produtos comercializáveis de fácil acesso para consumo rápido (STONE, 2013). Isso fica evidente na maneira como se torna esteticamente aceitável explorar o sofrimento das pessoas nesses locais, ao criar narrativas simplificadas que mascaram as complexidades subjacentes da tragédia (KORSTANJE, 2015). Essa abordagem pode diminuir o potencial crítico desses espaços históricos sensíveis e promover uma visão despolitizada (CHEN & XU, 2020).

Além disso, o turismo pode gerar disparidades sociais e espaciais ao redesenhar regiões com base em seu valor comercial e lucratividade na economia global (MARTONI, 2019). Territórios outrora destinados ao lazer e convívio dos moradores locais são convertidos em pontos turísticos; isso resulta na expulsão das comunidades locais e na imposição de novos padrões para o uso do espaço (LEFEBVRE, apud MARTONI, 2019). Essa prática fortalece o paradigma que marginaliza as sociedades contemporâneas, em que o valor econômico do espaço prevalece sobre as necessidades da população (MÉSZÁROS, apud MARTONI, 2019).

O valor é ele próprio um processo ao qual não deixam de estar conectadas as suas formas iniciais, mas seu desenvolvimento tende a transfigurá-las diante da forma mais avançada, a qual tem o dinheiro como um fluído que possibilita a troca generalizada. Nesse sentido, o valor e não o valor de uso ou as particularidades dos

produtos torna-se a mediação predominante nas relações sociais (MARTONI, 2019, p. 128).

É fundamental fazer distinção entre o salário recebido pelo trabalho realizado do excedente gerado na produção (MARX, 1996), em contraposição do rendimento proveniente de ativos como imóveis alugados ou terras arrendadas. Paralelamente, ao exigir cuidados constantemente elevados e manutenção da hospitalidade em níveis altos o que cria um clima laboral perturbador e aumenta a alienação dos trabalhadores (MARTONI, 2019). Uma realidade escondida por trás da romantização frequente, como uma experiência feliz e cheia de aventuras é na verdade um sistema exploratório que coloca o lucro acima das condições ideais para o trabalho.

O sistema vigente de produção, distribuição, troca e consumo, ao considerar o trabalho como uma mercadoria, [...] é regido pelo imperativo do valor de troca em permanente expansão a que tudo o mais – desde as necessidades mais básicas e mais íntimas dos indivíduos até as variadas atividades produtivas materiais e culturais em que eles se envolvem – deve estar rigorosamente subordinado (MÉSZÁROS, apud MARTONI, 2019, p. 143).

A instabilidade do emprego no setor turístico também é mais evidente em áreas como hotelaria e entretenimento, onde se vê frequentemente informalidade e terceirização em jogo (MARTONI, 2019). Os contratos temporários são estabelecidos sem oferecer garantias trabalhistas adequadas e os funcionários enfrentam jornadas extenuantes (ROBINSON et al., 2019). Esses cenários destacam o quão frágeis são os direitos dos trabalhadores no ramo e quão vulneráveis eles continuam sendo, resultando em flutuações no mercado e em uma busca incessante por baixos custos por parte dos empregadores (MÉSZÁROS, apud MARTONI, 2019).

Além disso a informalidade contribui para a desigualdade social ao dificultar o acesso a benefícios como plano de saúde, emprego seguro e previdência (CHEN & XU, 2020), resultando em situações em que o turismo apesar de ser uma indústria com potencial revela-se como um ambiente marcado pela exploração intensiva onde o lucro máximo é priorizado em prejuízo da segurança e do bem-estar dos trabalhadores (MARX, 1996).

[...] Paralelamente às ocupações formais, as contratações temporárias (muitas informais) para certos serviços nesses empreendimentos são formas alternativas ou complementares de extração de mais-valor. [...] Quadros enxutos e, portanto, estabelecidos aquém da medida do que é possível de ser

normalmente realizado pelos grupos em questão, materializam a intensidade e a extensão do trabalho: geralmente as chamadas “equipes de recreação” são contratadas de forma avulsa, ou seja, são pagas por hora ou por dia e, por isso, quanto mais o trabalho se estende, maior é a remuneração. Tal mecanismo adotado (não somente por empresas de turismo) faz com que os expedientes citados (intensificação e extensão) sejam forçados pelo próprio trabalhador, tanto para se auferir ganhos um pouco mais expressivos, como para assinalar um possível diferencial de atuação, fato esse que aumenta as chances para trabalhos futuros (MARTONI, 2019, p. 165).

Em resumo, o sistema capitalista converte tudo em mercadoria, incluindo o trabalho humano e as experiências do turismo (MARTONI, 2019). Essas práticas comerciais não apenas contribuem para aumentar as desigualdades sociais, mas também alienam as pessoas ao obscurecer as relações de exploração que sustentam esse sistema (KORSTANJE, 2015). Sob essa ótica, o setor do turismo exemplifica claramente como o capitalismo amplia sua influência, transformando aspectos da vida em bens comercializáveis e perpetua a exploração no mercado de trabalho (ROBINSON et al., 2019), essencialmente transformando até mesmo elementos subjetivos e culturais em mercadorias lucrativas adaptadas para satisfazer as necessidades do mercado globalizado (LEFEBVRE, apud MARTONI, 2019). Atividades turísticas que antes se destacavam por sua singularidade histórica e social são agora remodeladas para atrair um público consumidor mais amplo, diminuindo frequentemente sua autenticidade e expressões culturais (MÉSZÁROS, apud MARTONI, 2019).

Ao abarcar todas as coisas como mercadorias (e não simplesmente valores de uso) para que a produção se expanda e, com ela, a absorção privada de valores, essa forma social somente tem condições de fazê-lo ao generalizar a venda dessa mercadoria especial. Isso explica por que a categoria capital não pode ser derivada da categoria trabalho pura e simplesmente, mas sim do trabalho abstrato, pertinente à forma de sociabilidade capitalista. E disso resulta, também, que o capital é uma relação social, pois somente pode ser ativado por grupos de pessoas organizadas e articuladas em atividades controladas para fins de mais-valor e de uma classe (MARTONI, 2019, p. 143).

Esta reflexão evidencia que o setor do turismo não opera de forma independente das estruturas capitalistas; ao contrário, está inserido em um sistema que privilegia o acúmulo de riqueza e lucros em detrimento das necessidades sociais e ambientais (MARTONI, 2019). Os profissionais que atuam na indústria turística são frequentemente tratados como peças dispensáveis devido à

subordinação do trabalho aos interesses capitalistas (MARTONI, 2019), os quais visam assegurar a perpetuação do valor por meio da constante prestação de serviços e vivências (ROBINSON et al., 2019).

No âmago do turismo está uma prática impulsionada por forças de mercado que muitas vezes negligenciam as condições de trabalho e sociais dos destinos visitados. Ao examinar o conceito de “fetichismo da mercadoria” (MARX, 1996), percebe-se que o turismo transforma locais culturais e históricos em produtos consumíveis (STONE, 2013). No turismo sombrio, lugares marcados por tragédias e eventos violentos são novamente contextualizados para o mercado (KORSTANJE, 2015), onde as experiências dos turistas são frequentemente embaladas e adaptadas para atender ao desejo por sensacionalismo ou emoção. Portanto, o mercado transforma a tragédia em um produto que satisfaz uma vontade de consumo, sem levar em conta as condições de trabalho que mantêm esses locais (CHEN & XU, 2020; ROBINSON et al., 2019).

Assim sendo o turismo cresce como uma indústria global que fortalece e acentua as tradições do capitalismo de maneira significativa (MARX, 1996). Apesar do turismo ser apresentado ao público como um refúgio relaxante (STONE, 2013), a sua verdadeira realização está envolta em processos de padronização, precariedade econômica assim como exploração cultural (KORSTANJE, 2015). Ao ser moldado pelos princípios do capitalismo, o turismo transforma aspirações pessoais em bens lucrativos enquanto esconde as relações sociais subjacentes a essa produção (CHEN & XU, 2020).

A indústria do turismo não está separada do sistema econômico em que se insere, pelo contrário, é uma atividade fortemente ligada ao capitalismo que visa gerar lucros através da exploração do trabalho humano e da otimização dos recursos disponíveis para aumentar a produção excedente (MARX, 1996; MARTONI, 2019). De maneira geral, criticar o turismo capitalista equivale a analisar como essa prática reflete as contradições fundamentais do capitalismo em sua fase mais desenvolvida (KORSTANJE, 2015) ao transformar até mesmo aspectos pessoais ou culturais em produtos comercializáveis (MÉSZÁROS, apud MARTONI, 2019).

No contexto abordado no capítulo sobre produção mercantil capitalista e suas relações com o fetiche da mercadoria e o turismo (MARX, 1996; MARTONI, 2019) - as dinâmicas de comercialização e exploração presentes na indústria do turismo demonstram como a lógica do capitalismo não apenas transformou bens e serviços

em produtos lucrativos, mas também experiências culturais e memórias em itens comerciais viáveis (LEFEBVRE apud MARTONI, 2019). Esses conceitos vão além do turismo convencional ao abranger outros tipos de viagens como o Turismo Sombrio (Dark Tourism), que se destaca como uma categoria específica dentro da amplidão do setor turístico.

3. TURISMO SOMBRIO: IMPACTOS E MERCADO

Locais ao redor do mundo têm ganhado destaque como pontos turísticos peculiares ligados a eventos sombrios do passado e que desempenham um papel importante na preservação da memória coletiva da humanidade (STONE; SHARPLEY, 2008). Os viajantes buscam sempre vivenciar momentos inesquecíveis: seja relaxando em praias paradisíacas ou explorando metrópoles movimentadas; mergulhando na riqueza cultural de destinos exóticos. O Turismo Sombrio - também conhecido como Dark Tourism - (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008) é uma vertente turística que atrai visitantes por motivos bem distintos. Este ramal concentra-se em investigar territórios com um histórico marcado por eventos trágicos e dolorosos ao longo dos tempos. Mesmo sendo considerada apenas uma atividade recreativa descomplicada a princípio, essa abordagem suscita reflexões profundas acerca da natureza humana, da memória compartilhada e das fronteiras éticas da comercialização do sofrimento (URRY, 1996).

O conceito de turismo sombrio não é recente; desde tempos antigos as pessoas têm visitado locais históricos de batalhas e túmulos de figuras famosas ou mesmo ruínas de civilizações passadas há séculos (STONE; SHARPLEY, 2008). O que mudou no mundo moderno é que a busca por esse tipo de experiência se tornou mais estruturada e até mesmo incentivada por agências de viagem (STONE, 2006). Ao longo dos anos, esse fenômeno ganhou diversos nomes como "thanatourism" (Turismo de Morte) e "trauma tourism" (Turismo de Trauma), refletindo as muitas facetas dessa prática (STONE; SHARPLEY, 2008).

Essas questões são consideradas brevemente, mas, para Foley e Lennon, o termo "turismo sombrio" refere-se principalmente à "apresentação e consumo (pelos visitantes) de locais de morte e desastre reais e comercializados" (1996a:198); uma definição ampla posteriormente refinada por sua afirmação de que o turismo sombrio é "uma sugestão da pós-modernidade" (FOLEY; LENNON, apud STONE; SHARPLEY 2008, p. 577, tradução nossa).¹

Os motivos que levam os viajantes a explorarem esse mundo são variados: alguns buscam compreender melhor os eventos trágicos que influenciaram o curso da história humana; outros são impulsionados pela curiosidade mórbida ou pela

¹ These issues are considered shortly but, for Foley and Lennon, the term 'dark tourism' relates primarily to 'the presentation and consumption (by visitors) of real and commodified death and disaster sites' (1996a:198); a broad definition later refined by their assertion that dark tourism is 'an intimation of post-modernity' (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY 2008, p. 577).

necessidade de vivenciar emoções intensas. Estudos conduzidos por acadêmicos no campo de pesquisa, como Stone e Sharpley (2008), indicam que muitos turistas também se sentem compelidos a honrar as vítimas e refletir sobre os equívocos do passado; especialmente em locais como campos de concentração ou memoriais de genocídios (STONE, 2006). As razões complexas que levam algumas pessoas a escolherem visitar um campo de concentração, um memorial do genocídio ou uma cidade arrasada por um desastre natural fazem do turismo sombrio algo fascinante e controverso ao mesmo tempo (KEIL apud STONE, 2006).

O encontro entre memória e espetáculo é um dos pontos-chave que caracterizam o turismo sombrio. A maioria dessas localidades é mantida como espaços de ensino e sensibilização (STONE; SHARPLEY, 2008), como o campo de concentração de Auschwitz ou o Memorial de Hiroshima, a fim de preservar as memórias das tragédias e instruir as gerações futuras. No entanto existem ocasiões em que a tragédia se torna uma atração turística de maneira problemática como é o caso da Ilha de Alcatraz ou do local de Chernobyl onde as visitas muitas vezes guiadas por uma narrativa sensacionalista parecem mais interessadas em buscar emoções intensas do que refletir sobre os eventos históricos ocorridos ali (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008). Isso levanta questões éticas importantes: Até que ponto é ético lucrar com desastres trágicos? Onde está o limite entre aprender algo significativo e promover sensacionalismo (STONE, 2006)?

Da mesma forma, Muzaini et al. (2007) abordam a precisão histórica e a interpretação no Forte Siloso, em Singapura, argumentando que o turismo sombrio privilegia o "visual" e o "experencial" em detrimento da necessidade de rigor histórico (MUZAINI, apud STONE; SHARPLEY, 2008, p. 577, tradução nossa).²

O turismo sombrio desempenha um papel significativo ao provocar reflexões sobre o passado e suas consequências atuais (STONE; SHARPLEY, 2008) ao visitarmos locais como Auschwitz ou Hiroshima não se limitando apenas à visualização da destruição, mas envolvendo uma compreensão mais profunda dos impactos duradouros de eventos como o Holocausto e os bombardeios atômicos (O'DONOGHUE apud STONE, 2006). Estas experiências turísticas têm uma vertente educativa importante ao contribuir para a preservação da memória histórica

² Similarly, Muzaini et al (2007) address historical accuracy and interpretation at Singapore's Fort Siloso, arguing that dark tourism privileges the 'visual' and 'experiential' over the need for historical rigour (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008, p. 577).

e estimular debates em torno dos direitos humanos e justiça social (STONE; SHARPLEY, 2008).

No entanto, nem sempre essa função educativa é cumprida como esperado (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008). Há situações em que o turismo sombrio acaba gerando sofrimento e transformando destinos turísticos populares em verdadeiras armadilhas para os visitantes (KOSTAS et al., 2009). Exemplos de como essa prática pode se distorcer incluem pessoas tirando selfies em frente às câmaras de gás, aproveitamento comercial de tragédias recentes e pontos turísticos que oferecem “experiências emocionantes” em áreas de conflito (STONE, 2006).

Essas ilustrações ressaltam os dilemas éticos no cenário turístico sombrio e levantam questionamentos mais profundos: qual é o limite para que o turismo possa respeitar a memória das vítimas e ao mesmo tempo satisfazer o apelo do mercado por sensacionalismo e entretenimento (STONE; SHARPLEY, 2008)? A linha tênue entre honrar uma tragédia e explorá-la economicamente é frágil e frequentemente ignorada por aqueles que buscam transformar o sofrimento em um produto lucrativo (STONE, 2006). A ética por trás do turismo sombrio transcende a mera discussão sobre comportamento e contempla uma análise sobre como equilibrar lucro e dignidade de forma crucial para uma visão respeitosa e instrutiva (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008).

Dessa forma, o turismo sombrio pode proporcionar um revival da morte no domínio público, dessacralizando a mortalidade e garantindo que a morte ausente seja tornada presente. Esse fenômeno transforma a morte privada em discurso público e em uma mercadoria coletiva sobre a qual se pode observar, refletir e consumir. Por essa razão, o turismo sombrio pode ser visto como uma nova instituição social, na qual o valor funcional da morte e da mortalidade é reconhecido. Sua precariedade é compreendida, e os esforços para assegurar o bem-estar ontológico e a segurança existencial tornam-se fontes não apenas de jogo, humor e entretenimento, mas também de educação e memória (STONE; SHARPLEY, 2008, p. 588 tradução nossa).³

³ The re-conceptualization of death through dark tourism allows for the reconstruction of a replacement meaning system, whereby the reflexive deconstruction of religious orders are being relocated and reconstructed by the consumption of image and the pseudo. Accordingly, dark tourism may offer a revival of death within the public domain, thereby de-sequestering mortality and ensuring absent death is made present, transforming (private) death into public discourse and a communal commodity upon which to gaze. For this reason, dark tourism may offer a new social institution whereby the functional value of death and mortality is acknowledged, its precariousness is appreciated, and efforts to assure ontological well-being and security become a source of not only playfulness, humour and entertainment but also education and memorial (STONE; SHARPLEY, 2008, p. 588).

Essas emoções despertam reflexões mais profundas sobre a fragilidade da vida (STONE; SHARPLEY, 2008) e requerem um comprometimento ético profundo por parte dos envolvidos no turismo sombrio que evoca tais sentimentos intensos em seus visitantes (KRIPPENDORF, 2000). Esse tipo particular de turismo proporcionará uma jornada subjetiva e transformadora que pode deixar marcas profundas nas pessoas que o experimentam. No entanto, é crucial que os responsáveis por essas experiências garantam que não estejam explorando ou tornando banal a dor dos outros (KOSTAS et al., 2009). Assim sendo, o impacto emocional se tornará um dos aspectos distintivos dessa prática, mas também será um dos desafios éticos e morais mais complexos a serem enfrentados (STONE, 2006).

Apesar da experiência com a morte ter diminuído na sociedade moderna devido ao seu confinamento institucional, Tercier (2005) sugere que, embora as pessoas hoje sejam espectadoras de mais mortes do que em qualquer geração anterior, impulsionadas tanto por imagens reais quanto representadas, "vemos a morte, mas não a 'tocamos'" (TERCIER, apud STONE; SHARPLEY, 2008, p. 586 tradução nossa).⁴

Além dos impactos individuais que o turismo sombrio pode trazer consigo há também implicações nas comunidades locais (STONE; SHARPLEY, 2008). Sob certas perspectivas, a visita de turistas em locais sombrios pode ser vista como uma fonte de oportunidades econômicas viáveis e benéficas para manutenção do patrimônio histórico e criação de postos de trabalho (O'DONOGHUE apud STONE, 2006). Por outro lado, pode representar um lembrete constante para algumas pessoas sobre traumas não resolvidos (KOSTAS et al., 2009). Essa é justamente uma razão pela qual o modo como esses destinos são administrados é fundamental. Uma abordagem responsável para o turismo sombrio sempre deve privilegiar o respeito às vítimas e aos habitantes locais, evitando qualquer tipo de exploração indevida da dor vivenciada por eles (MUZAINI, apud STONE; SHARPLEY, 2008).

Não existe um único olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. Com isso quero dizer que não existe apenas uma experiência universal verdadeira para todos os turistas, em todas as épocas. Na verdade, o olhar do turista, em

⁴ Despite modern society's diminishing experience with death as a result of institutional sequestration, Tercier (2005:22) suggests that, whilst people are now spectators to more deaths than in any prior generation, driven by both real and represented images, 'we see death, but we do not 'touch' it' (TERCIER apud STONE; SHARPLEY, 2008, p. 586).

qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, com formas não turísticas de experiência e de consciência social: o que faz com que um determinado olhar do turista depende daquilo com que ele contrasta (URRY, 1996, p. 1, tradução nossa).⁵

No panorama global atualmente em destaque está o crescente interesse por esta área específica que espelha uma sociedade em busca de compreender cada vez mais profundamente as suas próprias tragédias pessoais e coletivas (STONE; SHARPLEY, 2008). Produções cinematográficas televisivas como filmes históricos baseados em eventos trágicos antigos ou conteúdo documental, estão contribuindo para aumentar o interesse nessas localidades (TERCIER apud STONE; SHARPLEY, 2008) ao evidenciar que o turismo associado à escuridão e à melancolia não é apenas um evento isolado e passageiro; na verdade representa um movimento robustecido pela lembrança coletiva (O'DONOGHUE apud STONE, 2006). Quando conduzidos com integridade e sensibilidade adequadas tais projetos podem desempenhar um papel importante no processo de educação e estimular considerações socialmente relevantes (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008).

Essencialmente, o Espectro do Turismo Sombrio é um continuum fluido e dinâmico de intensidade, ancorado em diversas, embora não necessariamente exclusivas, características do produto. Ou seja, seria imprudente sugerir que todos os produtos do turismo sombrio possuem todas as características definidoras que permitiriam sua exata localização nesse "espectro da oferta". De fato, aceita-se que muitos produtos sejam multifacetados e sejam percebidos de maneira diferente por diferentes grupos de pessoas ao redor do mundo (STONE, 2006, p. 158, tradução nossa).⁶

Embora o turismo sombrio seja frequentemente visto como uma oportunidade para aprendizado e reflexão sobre história, sua existência não está isenta de contradições (KORSTANJE, 2015). Em um mundo marcado pelo consumismo e espetáculo, é difícil distinguir entre respeito à memória e exploração comercial (STONE; SHARPLEY, 2008). Em algumas situações, locais de tragédias se tornam

⁵ There is no single tourist gaze as such. It varies by society, by social group and by historical period. Such gazes are constructed through difference. By this I mean not merely that there is no universal experience that is true for all tourists at all times. Rather the gaze in any historical period is constructed in relationship to its opposite, to non-tourist forms of social experience and consciousness (URRY, 1996, p. 1).

⁶ Essentially, the Dark Tourism Spectrum is a fluid and dynamic continuum of intensity which is anchored by various, though not necessarily exclusive, product features and characteristics. That is, it would be foolhardy to suggest that all dark tourism products possess all of the defining traits which would allow them to be plotted precisely on this 'spectrum of supply'. Indeed, it is accepted that many products will be multi-layered, and will be perceived differently amongst different groups of people in different parts of the world (STONE, 2006, p. 158).

destinos turísticos altamente rentáveis, nos quais as experiências dos visitantes são cuidadosamente planejadas para atender suas expectativas de diversão (KEIL apud STONE, 2006), ao mesmo tempo em que buscam promover uma compreensão mais profunda dos acontecimentos passados. Isso apresenta questões significativas sobre até que ponto a visita a locais de tragédia pode ser vista como uma forma legítima de preservar a memória (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008). Quando essa atitude cruza a linha para explorar o sofrimento alheio (KOSTAS et al., 2009)?

Um dos desafios significativos do turismo sombrio é a forma como os visitantes interagem com esses locais e como isso pode afetar diretamente sua relevância social e educativa (STONE; SHARPLEY, 2008). Alguns indivíduos buscam esses destinos com o objetivo de compreender e refletir sobre eventos trágicos passados; no entanto, há também aqueles que os transformam em cenários para capturas superficiais ou para satisfazer sua curiosidade mórbida (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008). Esse conflito de interesses pode gerar choques entre a preservação da memória e a exploração comercial (KORSTANJE, 2015), minando o devido respeito por essas narrativas históricas. Portanto, o risco não está apenas em frequentar um lugar, mas em como a vivência é influenciada pela economia e pelo sofrimento consumido (KOSTAS et al., 2009).

Os motivos dos turistas sombrios certamente variam de acordo com a intensidade dos significados atribuídos por diferentes indivíduos e redes sociais. A consciência sobre a mortalidade e a antecipação da morte diferem entre grupos sociais e culturais. É altamente provável que o consumo do turismo sombrio seja influenciado por diversos fatores e não se limite apenas aos aspectos contemplativos da morte e do morrer (STONE; SHARPLEY, 2008, p. 589, tradução nossa).⁷

A digitalização das vivências em viagens também desempenha um papel importante nessa conversa sobre o assunto em questão (TERCIER apud STONE; SHARPLEY, 2008). Redes sociais como Instagram e TikTok estão cheias de fotos turísticas feitas em locais de grande impacto emocional, muitas vezes sem mostrar a sensibilidade necessária (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008). O fenômeno das selfies em campos de concentração, memoriais de genocídios ou locais de

⁷ In addition, dark tourists' motives will certainly vary according to intensities of meanings for various individuals within different social networks. Indeed, an awareness of mortality and the anticipation of death will differ amongst various social and cultural groups. It is also highly likely that dark tourism consumption will rest on numerous disparate factors, including, but not limited to, the contemplational aspects of death and dying (STONE; SHARPLEY, 2008, p. 589).

desastres naturais levanta questionamentos sobre a falta de conexão emocional dos visitantes (KOSTAS et al., 2009). A importância de ouvir, sentir e refletir sobre o significado daquele lugar muitas vezes é negligenciada pelo ato de documentação da viagem (KEIL apud STONE, 2006). Isso nos coloca diante um dilema fundamental, afinal, o turismo sombrio está sendo encarado como uma experiência enriquecedora ou apenas como um espetáculo exótico (KORSTANJE, 2015)?

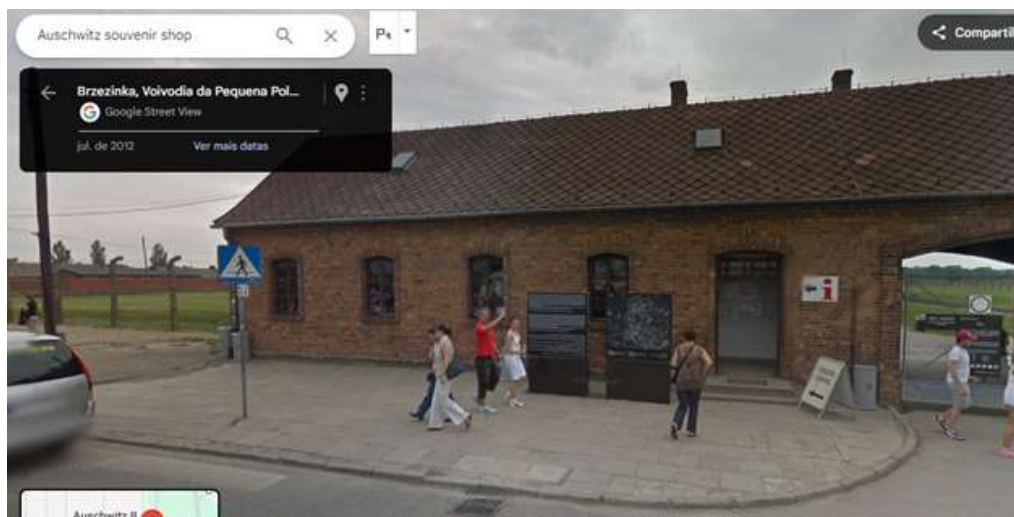
Frequentemente, reportagens e matérias especiais se referem ao Holocausto como um termo chave de referência para o conceito mais amplo de turismo sombrio. Por exemplo, O'Donoghue (2002: 1) ..., afirma explicitamente que "o turismo sombrio, como foi apelidado, está em ascensão, à medida que pessoas ao redor do mundo lutam para garantir que os pecados do passado não sejam esquecidos". Essa troca do termo mais amplo "turismo sombrio" e suas conexões com o Holocausto, e as conotações que isso implica como resultado, talvez distorça o significado mais amplo do turismo sombrio e outros subconjuntos de produtos que ele incorpora (O'DONOGHUE, apud STONE, 2006, p. 157, tradução nossa).⁸

Além da utilidade dos espaços físicos em si mesmos ser considerada relevante, sua gestão também desempenha um papel crucial em suas interações sociais (STONE; SHARPLEY, 2008). Há locais que são cuidadosamente preservados com um forte comprometimento ético para garantir que o passado seja tratado com o devido respeito (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008); enquanto outros acabam sendo transformados em pontos comerciais de modo que suas histórias sejam simplificadas ou até mesmo trivializadas visando atrair mais visitantes (KEIL apud STONE, 2006). Um exemplo interessante dessa situação pode ser encontrado na loja de souvenirs do Museu Auschwitz-Birkenau, conforme figura 1 abaixo; localizada dentro do memorial do antigo campo de concentração. Outro exemplo, tal como pode ser observado na figura 2, é a loja virtual do Museu Memorial do Holocausto no Estados Unidos que vende produtos como livros e lembranças ligados ao Holocausto. Isso levanta questões sobre como equilibrar a memória histórica e transformar locais significativos em itens comerciais.

⁸ Frequently media reports and special features refer to the Holocaust as a key term of reference for the broader dark tourism concept. For instance O'Donoghue (2002: 1), writing about the various sites which make up so-called Holocaust tourism, including visitor sites at Dachau, Treblinka and Auschwitz, explicitly states that 'dark tourism, as it's been dubbed, is on the increase, as people around the world fight to ensure the sins of the past are not forgotten'. This interchange of the broader term 'dark tourism' and its connections with the Holocaust, and the connotations it entails as a result, perhaps skews the wider meaning of dark tourism and other product subsets it incorporates (O'DONOGHUE apud STONE, 2006, p. 157).

Os Campos Sombrios de Genocídio representam aqueles locais e lugares em que o genocídio, atrocidade e catástrofe são o tema principal, ocupando assim as extremidades mais sombrias do "espectro do turismo sombrio". Felizmente, os locais de genocídio não são particularmente comuns, mas existem em lugares como Ruanda, Camboja e Kosovo. No entanto, aqueles que existem para consumo turístico são extremamente macabros, apesar de oferecerem uma interpretação limitada do local. Os Campos Sombrios de Genocídio são produzidos para proporcionar a experiência emocional máxima, onde os visitantes "fazem turismo nas mansões dos mortos" (KEIL, apud STONE, 2006, p.157, tradução nossa).⁹

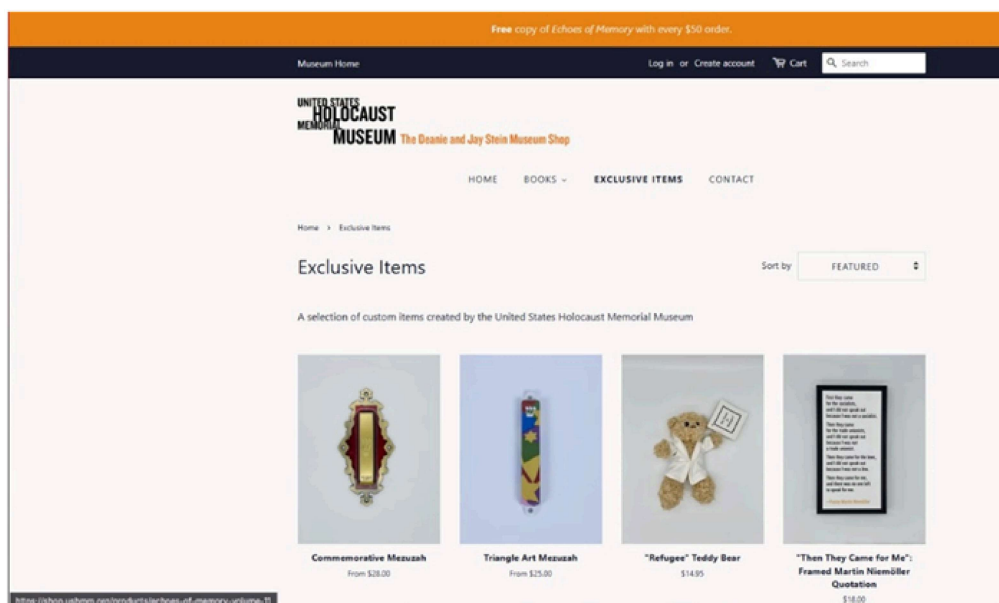
Figura 1: Loja do Museu de Auschwitz-Birkenau.



Fonte: Google Maps, Mar 2025.

⁹ Dark Camps of Genocide represents those sites and places which have genocide, atrocity and catastrophe as the main thanatological theme, and thus occupy the darkest edges of the 'dark tourism spectrum'. Mercifully, genocide sites are not particularly common, but do exist in places such as Rwanda, Cambodia, and Kosovo. However, those sites which do exist for touristic consumption are macabre in the extreme, despite offering limited site interpretation. Dark Camps of Genocide are produced to provide the ultimate emotional experience whereby visitors 'sightsee in the mansions of the dead' (KEIL apud STONE, 2006, p.157).

Figura 2: Página do Museu Memorial do Holocausto estadunidense.



Fonte: <https://shop.ushmm.org/collections/gift-items?page=1>, Mar 2025.

O conceito de autenticidade também é algo relevante para se considerar atentamente na indústria do turismo sombrio (STONE, 2006); muitos dos locais relacionados passaram por processos de reconstrução histórica e reinterpretados visando tornarem-se mais atrativos ao público em geral (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008). Isso pode levar à vivência de experiências distorcidas pelos turistas, que acabam não tendo contato direto com as genuínas relíquias do passado, mas sim versões adaptadas para uma perspectiva voltada ao consumo turístico (KEIL apud STONE, 2006). Museus que trazem à vida eventos catastróficos por meio de exposições interativas fazem parte desse grupo específico (KOSTAS et al., 2009).

Não são exatamente essas contradições que revelam a verdadeira face do turismo. Um fragmento de múltiplas facetas da realidade humana e social. Cada turista guarda adormecido dentro de si um pouco de tudo isso. Às vezes um pouco mais, às vezes um pouco menos, de acordo com as formas de viagens ou os tipos de população. O próprio viajante é um ser complexo, por isso é difícil classificá-lo numa categoria bem definida (KRIPPENDORF, 2000, p. 50).

Segundo Seaton (apud SHARPLEY; STONE, 2009), muitas discussões sobre o turismo sombrio são de natureza conceitual e carecem de esforços para estabelecer diretrizes ou estruturas para gerenciar tais pontos turísticos.” Esse

cenário traz uma questão crucial: até que ponto é justificável alterar um local associado à tragédia para atender às demandas dos turistas (STONE, 2006)? Existe um limite entre tornar essa experiência educativa e transformá-la em uma mera simulação (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008)?

Outro ponto importante é o impactante aspecto emocional associado a esse tipo de jornada exploratória para algumas pessoas: a visita a locais de intensa dor pode significar uma transformação profunda que fomenta sentimentos empáticos e promove uma compreensão mais humanizada da história vivenciada ali anteriormente (STONE; SHARPLEY, 2008). No entanto é necessário ter cautela quanto à repetição constante de relatos violentos sem um olhar crítico aprofundado sobre eles; isso pode levar à banalização do sofrimento humano e transformar tragédias em meros objetos de consumo casual (KOSTAS et al., 2009). Isso pode ocorrer quando os turistas interagem superficialmente com tais locais históricos sensíveis ao tirarem selfies em cenários de atrocidades ou comprarem lembranças inapropriadas como forma de “troféus” (KEIL apud STONE, 2006). Além disso, a exposição contínua a imagens de violência pode levar a uma diminuição do impacto emocional da tragédia, simplificando-a para servir apenas como mais um ponto de interesse em um itinerário turístico (STONE, 2006).

A diminuição da resposta emocional frente a violência após exposição repetida, [...] quanto mais se vê violência, menos se sente o impacto emocional (como empatia ou compaixão), [...] E essa redução se manifesta também como indiferença comportamental, o que agrava ainda mais os efeitos sociais podendo transformar completamente a forma como uma pessoa reage emocionalmente à violência (KOSTAS et al., 2009, p. 185-186, tradução nossa).¹⁰

No entanto, é importante considerar a acessibilidade dessas experiências também. Alguns lugares turísticos populares têm custos elevados para entrar ou requerem participação em visitas guiadas, o que pode tornar a experiência exclusiva para poucos (ROBINSON et al. 2019). A lógica do mercado tende a excluir aqueles que têm mais direitos sobre esses espaços, como familiares das vítimas ou comunidades afetadas (MARTONI, 2019). Quem deve ter permissão para acessar esses locais quando a memória é preservada? Visitá-los deveria ser um direito

¹⁰ Desensitization has been defined as the diminished emotional responsiveness to a negative or an aversive stimulus after repeated exposure to it, [...] in terms of sympathy, the more aggressive participants reported lower initial sympathy toward the victims of violence, [...] Therefore, the problem for society is the behavior resulting from the process of desensitization because individuals may become so desensitized to violence that they come to accept that violence is normative (KOSTAS et al., 2009, p. 185-186).

compartilhado ou um privilégio ao alcance de todos (CHEN; XU 2020)?

Em locais com cicatrizes abertas e marcas do passado visíveis ainda frescas na memória das comunidades locais é onde a relação entre turistas e moradores pode se tornar delicada e até mesmo prejudicial (KOSTAS et al., 2009). Nesses cenários delicados onde a tragédia ainda ecoa e a dor é palpável - como regiões afetadas por desastres recentes ou áreas marcadas pela guerra - a presença constante de visitantes pode ser vista como intrusiva. O constante fluxo de turistas pode dificultar o processo de cura e reconstrução dessas comunidades ao transformá-las em cenários turísticos disponíveis para todos que possam comprar um ingresso (KEIL apud STONE, 2006). No entanto, conforme ressaltado por Neves (2024, p. 55), essas visitas também podem preservar lembranças que merecem ser recordadas com reverência e emoção, sejam elas lembranças pessoais, lições aprendidas ou convicções mantidas, tais experiências oferecem ao público uma vivência singular enquanto desempenham um papel crucial na preservação da história e das emoções.

Além disso, é fundamental considerar o desafio de conciliar os benefícios econômicos do turismo com o respeito à memória e às vítimas de eventos trágicos. O poder do dinheiro exerce uma influência significativa na sociedade e muitas vezes impede que cerimônias que remetem a sofrimento sejam conduzidas com ética e respeito (MARTONI, 2019). Como observamos frequentemente, a lógica comercial tende a minimizar a relevância histórica desses locais em favor do consumo desenfreado que acaba por reduzi-los a simples objetos sem reflexão sobre seu verdadeiro simbolismo (KOSTAS et al., 2009). Segundo Neves (2024, p. 55), o grande desafio reside em assegurar que essa atividade seja realizada de maneira ética sem que o objetivo de obter lucro prevaleça sobre o respeito pela história ou pelas pessoas relacionadas.

Para Foley e Lennon (1996) o turismo sombrio está sujeito a “busca por lucros máximos”, pois mercado pode ocorrer a transformação da tragédia em um produto comercializável, ao minimizar o seu valor educativo e reflexivo em prol de atrativos que buscam atrair o maior número possível de turistas (KEIL apud STONE, 2006). Dessa forma, o respeito pela memória das vítimas e pela história desses locais precisa ser constantemente discutido nas dinâmicas do mercado onde a preservação genuína da essência desses lugares muitas vezes entra em conflito com os interessados economicamente que buscam explorar a tragédia visando o

lucro (CHEN; XU, 2020).

De acordo com Stone (2006):

Ao mesmo tempo, o turismo sombrio é uma característica cada vez mais presente no cenário cultural popular (por exemplo, Atkinson, 2005). De fato, dependendo do contexto social, cultural e político (Stone, 2006), pode ser considerado fascinante, educacional ou até humorístico (STONE, apud SHARPLEY; STONE, 2008, p. 585, tradução nossa).¹¹

Há uma crescente tendência de turismo em lugares sombrios que revelam uma conexão evidente entre o respeito pela história e o sensacionalismo em torno das tragédias passadas (STONE; SHARPLEY, 2008). Este texto aborda os impactos do turismo sombrio acerca de questões éticas relacionadas à sua prática e destacando tanto os benefícios econômicos para as comunidades locais quanto as experiências dos visitantes (STONE; SHARPLEY, 2008).

Na área da filosofia entende-se que a ética é, um “conjunto de normas ou prescrições, de códigos morais ou recomendações” (CORTINA, 2000, p. 7, tradução nossa) que ajuda a pensar sobre as ações humanas e nos valores que formam nossas decisões, seja individuais ou coletivas, permitindo dessa forma, avaliar o turismo sombrio para além do seu efeito econômico, considerando os princípios morais e sociais em questão. Por esse motivo, abordar a ética no turismo é analisar o respeito à dignidade humana, a memória das vítimas e a responsabilidade de quem participa e de quem conduz essas experiências (STONE; SHARPLEY, 2008).

O debate sobre os aspectos éticos de visitar locais associados ao sofrimento humano é o ponto inicial da discussão sobre o turismo sombrio, onde muitos críticos argumentam que existe um ganho financeiro na exploração da tragédia e do pesar das pessoas (STONE, SHARPLEY, 2008). Certos locais, como campos de concentração ou áreas com histórico de assassinatos em massa, são frequentemente transformados em destinos turísticos populares, como apontado por Stone e Sharpley (2008).

Consequentemente, isso pode ajudar a minimizar a ameaça intrínseca que a inevitabilidade da morte traz. Esse efeito neutralizador é auxiliado pelas exposições turísticas sombrias à morte, onde o processo contínuo de sensibilização para o morrer

¹¹ At the same time, dark tourism, as reviewed above, is an increasingly pervasive feature in the popular cultural landscape (e.g. Atkinson 2005). Indeed, depending upon the social, cultural and political context (Stone 2006) it may be considered fascinating, educational or even humorous (STONE apud SHARPLEY; STONE, 2008, p. 585).

acaba resultando em uma sanitização do tema. Isso cria uma percepção de imunidade à morte, além de uma aceitação crescente de que ela, inevitavelmente, chegará (SHARPLEY; STONE, 2008, p. 587, tradução nossa).¹²

Por outro lado, os apoiadores do turismo sombrio argumentam que tais visitas servem para preservar memórias históricas ao educar os visitantes sobre tragédias pretéritas e estimular uma reflexão acerca dos equívocos passados (Stone e Sharpley 2008).

Assim, o turismo sombrio pode oferecer um ressurgimento da morte no domínio público, desnaturalizando a mortalidade e garantindo que a morte ausente seja tornada presente, transformando a morte (privada) em um discurso público e em uma mercadoria comunitária sobre a qual se pode contemplar. Por essa razão, o turismo sombrio pode representar uma nova instituição social, na qual o valor funcional da morte e da mortalidade é reconhecido, sua precariedade é apreciada, e os esforços para garantir o bem-estar ontológico e a segurança tornam-se uma fonte não apenas de diversão, humor e entretenimento, mas também de educação e memorialização (STONE; SHARPLEY 2008, p. 588, tradução nossa).¹³

Um dos temas centrais abordados é a exploração comercial da mortandade e dos eventos trágicos (STONE, SHARPLEY, 2008). A tendência de converter locais marcados por intensas dores em pontos turísticos pode ser interpretada como uma maneira de capitalizar sobre lembranças, transformando a tragédia em mero entretenimento desprovido de autenticidade emocional (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). De acordo com Foley e Lennon (1996), o turismo sombrio está sujeito à crítica devido à sua abordagem comercial que pode transformar tragédias em mercadorias para consumo e desviar o foco da importância do respeito e da reflexão em prol do lucro (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008, p. 578, tradução nossa).

Nesse sentido, as tragédias históricas passam por um processo de mercantilização que reflete o conceito marxista de fetichismo da mercadoria (MARX,

¹² Consequently, this can help minimize the intrinsic threat that the inevitability of death brings. This neutralizing effect is aided by dark touristic exposures to death, where the process of continued sensitization of dying ultimately results in a sanitization of the subject area. This creates a perceived immunity from death, in addition to a growing acceptance that death will ultimately arrive (SHARPLEY; STONE, 2008, p. 587).

¹³ Thus, dark tourism can potentially transform the seemingly meaningless into the meaningful through the commodification, explanations and representations of darkness that have impacted upon the collective self. This, in turn, may allow the individual to confront and contemplate their own mortality by gazing upon macabre illusions and images. Subsequently, the confrontation of death and contemplation of mortality, within a socially acceptable dark tourism environment, may potentially bracket out some of the sense of dread death inevitably brings, by insulating the individual with information and potential understanding and meaning (SHARPLEY; STONE, 2008, p. 588).

1996). O local de sofrimento acaba sendo descontextualizado, e seu valor é visto, em grande parte, como um valor de troca voltado para o consumo (STONE; SHARPLEY, 2008). Isso oculta o trabalho complexo e muitas vezes antiético que envolve transformar a memória em produto (ROBINSON et al., 2019). O lucro que vem da visita, que poderíamos chamar de *mais-valor* extraído da capitalização da dor, prioriza o mercado em relação à preservação histórica e ao respeito ético (KORSTANJE, 2015). Isso reforça a crítica de que o turismo sombrio atua na linha tênue entre educação e exploração sensacionalista (CHEN; XU, 2020).

À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano (MARX, 1996, p.187).

Há uma fronteira tênue entre o respeito à história de um lugar turístico e uma abordagem sensacionalista exploratória dele (STONE; SHAPRLEY, 2006). O modo como os destinos são apresentados aos visitantes, incluindo escolhas de linguagem utilizadas pelos guias turísticos, desempenha um papel crucial na maneira como os turistas experienciam esses locais (TARLOW, 2005). Conforme afirmado por Podoshen (2013), “A estruturação de uma experiência envolvendo o turismo sombrio pode influenciar se o visitante irá se engajar em reflexões educativas ou simplesmente consumir tragicamente os eventos de forma superficial” (PODOSHEN, 2013, p. 265, tradução nossa).

Existe uma chance de que o turismo sombrio não promova efetivamente a educação e acabe por trivializar o sofrimento e desgastar o apelo desses locais históricos (KOSTAS et al., 2009), isso nos faz refletir sobre qual seria o propósito genuíno de visitá-los.

A interpretação desempenha um papel fundamental nesse processo, atuando como um “filtro” para as respostas emocionais diante de um local ou atração sombria. Por um lado, uma interpretação adequada pode enriquecer a experiência do visitante, atendendo à sua necessidade de compreensão e significado. Por outro lado, uma interpretação que engana, banaliza ou comercializa excessivamente a experiência pode atuar como uma barreira — protegendo os visitantes das realidades cruas dos eventos representados, mas, ao mesmo tempo, privando-os da oportunidade de uma reflexão espiritual profunda. Além disso, a interpretação pode ser ideologicamente influenciada, transmitindo mensagens políticas mais

amplas que vão além do significado imediato do local. Isso pode distorcer a narrativa ou reduzir sua autenticidade para o visitante (STONE; SHARPLEY, 2006, p. 117, tradução nossa).¹⁴

A indústria do turismo sombrio está em expansão, com governos e empresas locais promovendo esses destinos como pontos turísticos interessantes para os visitantes explorarem e vivenciarem experiências únicas (STONE; SHARPLEY, 2008) de viagem e cultura local histórica rica, em histórias trágicas e sombrias do passado de regiões anteriormente desfavorecidas que foram transformadas em locais turísticos populares para atrair visitantes em busca de experiências únicas e distintas (KEIL apud STONE; SHARPLEY, 2008).

A expansão desse segmento do turismo tem gerado debates sobre a ética por trás da exploração do turismo comercial, levantando questões essenciais sobre o tratamento das memórias das vítimas (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008) e os impactos psicológicos nas comunidades locais pelas empresas turísticas (KOSTAS et al., 2009).

A forma como o contexto é apresentado não apenas determina o tipo de turismo sombrio, mas também o tipo de pessoa que a atração pode atrair. ... A mensagem é sobre a crueldade humana ou a crueldade de uma nação em particular? O propósito do ícone do turismo sombrio é despertar paixões ou criar um senso de perdão? Os gestores do ícone desejam que o visitante lembre a história por si mesma ou que use o evento sombrio para criar uma transformação pessoal?(TARLOW, 2005, p. 56, tradução nossa).¹⁵

O turismo sombrio costuma ser apresentado como uma solução que traria vantagens consideráveis para as comunidades locais, sobretudo nas regiões onde os problemas econômicos são evidentes, ao gerar empregos e aprimorar a infraestrutura (STONE; SHARPLEY, 2008). Contudo, ao observar a questão sob a

¹⁴ Interpretation plays a key role in this process, acting as a 'filter' to emotional responses to a dark site or attraction. On the one hand, appropriate interpretation may enhance the visitor experience and fulfill the need for understanding and meaning. On the other hand, interpretation that misleads, trivialises or commercialises the experience may act as a barrier, perhaps protecting visitors from the harsh realities of the events commemorated or represented but, at the same time, denying them the opportunity to benefit spiritually from the experience. Equally, the interpretation may be ideologically influenced, conveying broader political messages beyond the immediate significance of the site, again distorting the narrative or diminishing its authenticity for the visitor (STONE; SHARPLEY, 2006, p. 117).

¹⁵ How the context is presented not only determines the type of dark tourism but also the type of person the attraction may bring. Finally, the dark tourism icon is thematized. Is the message human cruelty or a particular nation's cruelty? Is the purpose of the dark tourism icon to arouse passions or to create a sense of forgiveness? Do the icon's managers wish the visitor to remember history for its own sake or to use the dark event to create a personal transformation? (TARLOW, 2005, p. 56).

ótica da estrutura de classes e das dinâmicas do capital, fica claro que esses supostos benefícios não são neutros nem se distribuem de forma universal (MARTONI, 2019). A criação de postos de trabalho—tanto formais quanto informais—segue, em essência, a lógica da mais-valia, onde o capital tenta ao máximo reduzir custos e ampliar o labor excedente (MARX, 1996), seja alongando a jornada (mais-valia absoluta) ou intensificando o ritmo da produção (mais-valia relativa).

Desse modo, ainda que se registre um aumento na atividade econômica da região, a maior parte da riqueza produzida acaba concentrada nas mãos dos detentores dos meios de produção – sejam empresas locais ou corporações externas (MARX, 1996) – aprofundando a desigualdade na distribuição de renda e reproduzindo as relações de exploração típicas de uma sociedade de classes (MARTONI, 2019). Por conseguinte, torna-se imprescindível problematizar a noção de “benefício para a comunidade”, questionando quais segmentos sociais realmente colhem vantagens e a que custo social e laboral isso ocorre (ROBINSON et al., 2019).

O questionamento ético de lucrar com situações de dor é algo muito comum (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). Por outro lado, há quem argumente que o turismo em locais com histórias sombrias pode contribuir para manter viva a memória das tragédias passadas e para que as gerações futuras aprendam com os erros do passado (STONE; SHARPLEY, 2008). Strange e Kempa (2003), em seu artigo, buscam estabelecer fundamentações teóricas que ajudem na compreensão da oferta e demanda por esses destinos controversos:

Comunicar e promover a narrativa-mestra da reconciliação e a capacidade dos oprimidos de sobreviver e superar (...) orientado para o futuro e as possibilidades de transformação política e cultural. Como declarou Ahmed Kathrada, ex-presos político: 'Não queremos que Robben Island seja um monumento ao nosso sofrimento, mas sim ao triunfo do espírito humano sobre as forças do mal' (STRANGE; KEMPA, 2003, p. 394-395, tradução nossa).¹⁶

¹⁶ The Museum was designed to communicate and promote the master narrative of reconciliation and the capacity of the oppressed to survive and overcome [...] In the words of Ahmed Kathrada, chair of the Future of Robben Island Committee, former political prisoner, ...we will not want Robben Island to be a monument to our hardship and suffering. We would want it to be a monument reflecting the triumph of the human spirit against the forces of evil (STRANGE; KEMPA, 2003, p. 394-395).

No turismo sombrio há uma grande variação na experiência dos visitantes: para alguns é uma oportunidade de reflexão e aprendizado ao visitar lugares marcados por sofrimento; para outros pode ser uma experiência mais superficial e sensorialidade com ênfase em elementos dramáticos e impactantes (STONE; SHARPLEY, 2008). A percepção dos turistas sobre locais de turismo sombrio está ligada à maneira como vivenciam essa experiência, podendo oscilar entre um respeito reverente pela história e um consumo superficial da tragédia (PODOSHEN, 2013).

Abordar os destinos turísticos de forma pedagógica tem um impacto significativo na experiência dos visitantes (STONE, SHARPLEY, 2006). Locais que oferecem experiências educativas com explicações detalhadas sobre contextos históricos e guias bem preparados têm o potencial de estimular uma profunda reflexão sobre os eventos passados vivenciados ali (TARLOW, 2005). O chamado "turismo sombrio" pode assumir um papel educativo fundamental desde que esteja fundamentado em princípios pedagógicos sólidos para assegurar que a experiência vá além do simples consumo e promova um envolvimento crítico com o passado de forma significativa (STRANGE; KEMPA, 2003).

Por outro lado, existem locais que abordam tragédias de maneira superficial realçando frequentemente o terror e as memórias sem oferecer um contexto adequado. Isto pode mudar o passeio para uma experiência sensorial em oposição de ser educativo e memorável. De acordo com Sharpley e Stone, em alguns casos o turismo sombrio pode se tornar um consumo voyeurístico da morte, no qual as experiências dos visitantes são mais moldadas pelo entretenimento do que pela aprendizagem histórica (SHARPLEY; STONE, 2008).

A presença de visitantes pode mudar a atmosfera de uma comunidade com dificuldades de uma forma que a torne menos autêntica e mais comercializada. O número de turistas, o seu comportamento e a manutenção da área podem influenciar como os visitantes percebem o local e a sua história. De acordo com Uzzell, "um grande fluxo de turistas pode diluir e danificar os locais históricos, tornando-os atrações turísticas genéricas e reduzindo o seu valor memorial" (UZZELL, apud SHARPLEY; STONE, 2008).

O turismo sombrio tem grande potencial no setor turístico para impactar as comunidades locais de forma significativa. Uma vez que pode trazer oportunidades econômicas positivas para a região, a presença turística também pode resultar em

desafios sociais como perda de identidade cultural, gentrificação e danos à infraestrutura local (STONE; SHARPLEY, 2008). Em algumas áreas, o turismo tem impulsionado o desenvolvimento de novos setores econômicos como hotéis, restaurantes e lojas de souvenirs que se beneficiam do fluxo de visitantes. No entanto, o desenvolvimento turístico em larga escala tem o potencial de alterar as paisagens culturais regionais e a dinâmica social local. De acordo com Sharpley e Stone, o aumento do turismo sombrio tem o potencial de impulsionar o crescimento econômico em nível local; no entanto, surge também apreensão em relação à agitação excessiva e ao risco de perda da autenticidade histórica (SHARPLEY; STONE, 2009).

O fenômeno da gentrificação ocorre quando áreas turísticas passam por transformações para atender às demandas dos visitantes e pode impactar negativamente os moradores locais que residem em bairros com valor histórico (STONE; SHARPLEY, 2008). Muitas vezes as comunidades se vêem obrigadas a se adaptar às necessidades do setor turístico e isso pode resultar em perda da autenticidade local e aumento da desigualdade socioeconômica (MARTONI, 2019). De acordo com Light, o turismo sombrio tem o potencial de acelerar os processos de gentrificação ao alienar as comunidades locais quando locais históricos são adaptados para atrair turistas e frequentemente prejudica a identidade original da comunidade (LIGHT, 2017).

Por contraste, o turismo sombrio tem potencial para enriquecer e preservar o patrimônio cultural de uma área geográfica específica, sobretudo quando são tomadas medidas para assegurar que tal atividade respeite as tradições e os anseios da comunidade local (STONE; SHARPLEY, 2008). A colaboração entre autoridades municipais, historiógrafos e residentes pode contribuir significativamente para o incentivo de um turismo mais consciente e responsável (STRANGE; KEMPA, 2003; TARLOW, 2005).

Além disso, o turismo pode contribuir para criar uma “memória partilhada” na qual as comunidades locais se envolvam ativamente na preservação e na transmissão da narrativa histórica da região (STRANGE; KEMPA, 2003; TARLOW, 2005). Essas ações poderiam ajudar a cicatrizar as feridas do passado e fomentar um sentimento de união entre diferentes gerações. De acordo com os pesquisadores Biran e Poria, “o envolvimento ativo das comunidades na interpretação dos locais de tragédia possibilitam a construção de uma narrativa histórica genuína e relevante

para as futuras gerações” (BIRAN; PORIA, apud LIGHT, 2017).

Enquanto visitar áreas problemáticas pode servir como preservação da história e trazer ganhos financeiros para essas regiões, também levantam debates sobre o respeito à memória das tragédias passadas e o impacto dessas visitas na vida das comunidades locais (STONE; SHARPLEY, 2008). De acordo com Dann e Seaton, o turismo sombrio enfrenta o desafio de conciliar preservação histórica e reflexão com as demandas do mercado turístico que tendem muitas vezes a ofuscar os eventos retratados (DANN; SEATON, apud LIGHT, 2017).

O debate sobre o turismo sombrio levanta questões complexas em termos de ética e responsabilidade social na indústria do turismo e da hospitalidade (CORTINA, 2000), atualmente em crescimento exponencial devido à sua natureza controversa e polêmica, que pode tanto educar como explorar sensacionalismo pessimamente os eventos históricos delicados associados aos destinos turísticos sombreados por tragédias passadas (STONE; SHARPLEY, 2008). De acordo com estudiosos como Foley e Lennon, é crucial refletir cuidadosamente sobre como os locais de tragédias são retratados e comercializados para o público em geral para garantir que não sejam distorcidos ou transformados em meras mercadorias comerciais, desvinculando-se de seus contextos históricos ou educativos originais (FOLEY; LENNON, apud LIGHT, 2017).

É crucial manejar com cuidado os impactos emocionais nos turistas e nos moradores locais diante da gentrificação e da metamorfose das regiões turísticas que podem prejudicar as comunidades (KOSTAS et al., 2009; LIGHT, 2017). Encontrar o equilíbrio entre promover o desenvolvimento econômico e preservar as raízes históricas é um dos grandes dilemas do turismo sombrio (STONE; SHARPLEY, 2008).

Uma parte essencial do turismo sombrio é o impactante vivenciar dos visitantes no local visitado (STONE; SHARPLEY, 2008). Para que o turismo possua uma influência benéfica e significativa é necessário que seja realizado de maneira responsável; priorizando educação e reflexão enquanto preza pelo respeito às vítimas envolvidas (TARLOW, 2005; STRANGE; KEMPA, 2003). No entanto, quando o turismo é conduzido principalmente pela lógica de mercado - se preocupando com o lucro, com a espetacularização e com a comercialização da dor – as possibilidades de uma prática ética e revolucionária se tornam limitadas. O engajamento dos turistas com o lugar e sua história não depende apenas de sua motivação inicial,

mas também da capacidade ou escolha dessas empresas em resistir à mercantilização do sofrimento humanos (ROBINSON et al., 20019; MARTONI, 2019).

O principal propósito do turismo sombrio deveria ser preservar as memórias históricas de maneira respeitosa e significativa para que as tragédias passadas não sejam trivialidades ou transformadas em espetáculos sensacionalistas (STONE; SHARPLEY, 2008; PODOSHEN, 2013). De acordo com Uzzell e Ballantyne, interpretar de forma responsável os locais marcados pelo sofrimento pode converter o turismo sombrio em uma valiosa ferramenta de educação e conscientização social (UZZELL; BALLANTYNE, apud LIGHT, 2017). Todavia, vivemos em uma sociedade de classes, com interesses econômicos e ideológicos distintos e conflitantes (MARX, 1996; MARTONI, 2019). E muitas vezes o que interessa economicamente ou ideologicamente é mais forte do que a educação ou a ética, e isso interfere diretamente em como a história é contada e aproveitada, e com isso perde-se a essência do que realmente importa: entender e aprender com o passado (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008).

Quando bem administrado o turismo sombrio pode contribuir para a educação global, manutenção da memória histórica, bem como o desenvolvimento socialmente referenciado das comunidades locais (STONE; SHARPLEY, 2008; STRANGE; KEMPA, 2003). Contudo, é crucial avaliá-lo constantemente para assegurar que os seus aspectos éticos sejam considerados. De acordo com Yankholmes e McKercher, “a gestão dos destinos turísticos deve levar em conta tanto a autenticidade na narrativa quanto os impactos emocionais nos visitantes nas comunidades afetadas” (YANKHOLMES; MCKERCHER, apud LIGHT, 2017).

Dessa forma, o turismo sombrio precisa proporcionar uma experiência enriquecedora de aprendizado e reflexão, não sendo apenas uma forma de entretenimento superficial (PODOSHEN, 2013). É crucial encontrar um equilíbrio entre os benefícios financeiros envolvidos e o respeito às tragédias representadas por esses locais, assegurando que as memórias das vítimas sejam honradas sem explorar o sofrimento humano (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). O turismo sombrio não deve ser encarado simplesmente como um negócio lucrativo, mas como uma oportunidade para promover o entendimento histórico e cultivar empatia entre diferentes gerações (TARLOW, 2005; BIRAN; PORIA apud LIGHT, 2017).

4. MEMÓRIA E TRAGÉDIA: PRINCIPAIS DESTINOS DO TURISMO SOMBRIO

Para analisar comparativamente a maneira como o turismo sombrio se instala em distintos cenários históricos e geográficos, revela-se crucial examinar as nuances de gestão, acesso e objetivo social de dois dos destinos mais icônicos dessa prática: Auschwitz, na Polônia, e Chernobyl, na Ucrânia. Mesmo que ambos estejam marcados por profundos episódios de sofrimento coletivo e catástrofes humanas, as estratégias de organização, a exploração econômica e a política de memória que lhes são atribuídas divergem de forma significativa, conforme Quadro apresentado posteriormente.

QUADRO 1: COMPARATIVO ADMINISTRATIVO E DE ACESSIBILIDADE AUSCHWITZ X CHERNOBYL

Categoria	Auschwitz	Chernobyl
Foco social: Programas para grupos gratuitos, etc.	Memorial com forte caráter educativo: programas escolares, projetos de memória e pesquisa, visitas pedagógicas guiadas e políticas de gratuidade institucionalizadas. (AUSCHWITZ-BIRKENAU, 2025).	Iniciativas científicas e educativas oficiais coexistem, mas o turismo comercial predomina. Programas sociais gratuitos são pontuais e dependem de políticas estatais (BANASZKIEWICZ; KRUCZEK; DUDA, 2017).
Fidedignidade com a história	Interpretação institucionalizada, voltada à proteção da memória e pesquisa acadêmica. Curadoria ética com restrições à espetacularização (AUSCHWITZ-BIRKENAU, 2025).	Interpretação mista: pesquisadores buscam contextualização rigorosa, enquanto operadores comerciais e mídia tendem ao sensacionalismo "pós-apocalíptico", gerando debates sobre ética (STONE, 2012).

Condições de trabalhadores na produção serviços turísticos	Corpo técnico do museu (guias, conservadores, educadores) vinculado a instituição pública, com contratos formais e carreiras estáveis (AUSCHWITZ-BIRKENAU, 2025). Fora do museu, precarização típica do setor turístico (temporalidade, baixos salários).	Quadro heterogêneo: guias turísticos privados com contratos variáveis; técnicos de manutenção e gestão da zona sujeitos a riscos ocupacionais e regimes específicos de saúde; histórico dos "liquidadores" (alta exposição); presença de informalidade e privatização parcial (BANASZKIEWICZ, 2022).
Administração pública ou privada	Museu administrado pelo Estado polonês (Auschwitz-Birkenau State Museum) (AUSCHWITZ-BIRKENAU, 2025).	Gestão estatal pela SAUEZMEZ, com operadoras privadas oferecendo serviços turísticos regulados e concessões esporádicas (GO2CHERNOBYL, 2025).
Acesso amplo ou restrito (preços)	A entrada ao recinto memorial é gratuita; há taxa para visitas guiadas (recomendadas e obrigatórias em diversos horários); a demanda é enorme, sendo controlada por reservas online. O fluxo de visitantes é massivo (milhões/ano) (AUSCHWITZ-BIRKENAU, 2025).	Acesso rigorosamente mediado por passes e normas específicas; excursões comerciais privadas com preços flutuantes (€60-€120); em emergências, passes podem ser suspensos (TRIPS TO CHERNOBYL, 2025).

Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa comparação, percebe-se que, enquanto Auschwitz se firmou como um espaço de preservação da memória coletiva e de educação histórica, Chernobyl desenvolveu-se sob a lógica do consumo e do espetáculo, reforçando o caráter mercantil do turismo sombrio contemporâneo. Nos capítulos seguintes, essas distinções serão aprofundadas: primeiro, ao analisar o caso de Auschwitz, onde a gestão pública e o compromisso com a instrução sobre o Holocausto imprime ao espaço uma carga ética e reflexiva; e, em seguida, o caso de Chernobyl revela como o fascínio pela catástrofe nuclear se entrelaça à busca por experiências extremas, enquanto o capital turístico predomina sobre o valor histórico e humano da tragédia.

4.1 Auschwitz-Birkenau (Polônia): A mercantilização do Holocausto

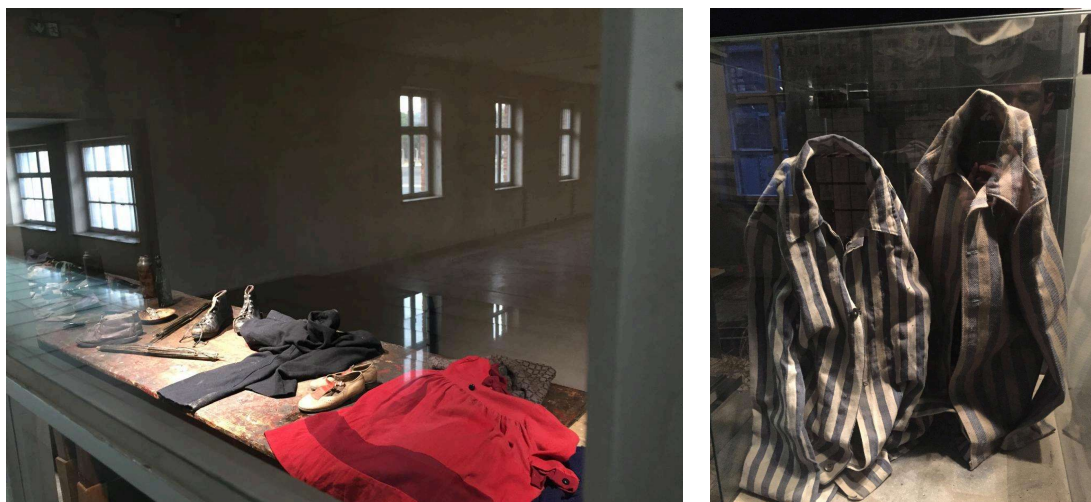
Auschwitz-Birkenau é conhecido como o campo de concentração nazista mais famoso e agora é um destino turístico significativo para muitas pessoas que viajam dessa maneira (HODGKINSON, 2013). É localizado atualmente em um memorial histórico que inclui um museu anualmente visitado por milhões de pessoas (AUSCHWITZ-BIKENAU, 2025), surge então o questionamento ético em torno da comercialização do Holocausto (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). Uma vez que, esses lugares de memória estão se tornando progressivamente mais atraentes para os turistas com o passar do tempo, emergindo a necessidade de equilibrar a crescente comercialização desses locais com o propósito educacional subjacente (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024).

O que é evidente é que, à medida que o tempo passa e o regime nazista se torna uma história cada vez menos recente, e a natureza do turismo para os locais associados evolui; [...] os locais de memorial do Holocausto, portanto, precisam considerar cuidadosamente quem os visita, por que e o que esperam obter de sua experiência (HODGKINSON, 2013, p. 31, tradução nossa).¹⁷

Nas figuras 3 e 4 abaixo, observa-se os uniformes dos prisioneiros do campo de concentração, e também, uma amostra dos pertences confiscados dos mesmos pelos oficiais nazistas; parte do processo de desumanização que aconteceu pouco depois de suas chegadas a Birkenau. Os itens são preparados em *displays*, e servem como parte da experiência turística do local.

¹⁷ What is apparent is that as time passes, and the Nazi regime becomes less and less recent history, the nature of tourism to associated sites evolves. [...] Holocaust memorial sites therefore have to carefully consider who visits and why, and what they expect to get from their experience (HODGKINSON, 2013, p. 31).

Figura 3 e 4: Uniformes utilizados pelos Judeus; pertences confiscados.



Fonte: Autoria própria

Um outro tópico em discussão trata da comercialização de souvenirs no memorial do Holocausto em Auschwitz (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008); enquanto livros educativos podem contribuir para a disseminação do conhecimento sobre o tema delicado da tragédia que ocorreu no local (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024), vender itens como chaveiros ou camisas pode ser percebido como uma apropriação injustificável da dor do passado. Evidenciando que as experiências turísticas estão vulneráveis a influências externas, tais como a mercantilização desses objetos que eventualmente acabam por perder seu significado original (STONE; SHARPLEY, 2008).

Uma das questões mais importantes que precisa ser respondida em relação ao turismo sombrio é se é ou não moral promover e comercializar a tristeza e a morte com o propósito de atrair visitantes. Isto ocorre porque a entrada da morte na arena do consumo dá origem a uma série de problemas e preocupações morais (STONE, apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 15, tradução nossa).¹⁸

As decisões que envolvem aspectos comerciais relacionados à comunidade local devem considerar as dimensões sensoriais e educativas do lugar (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024). A experiência emocional da visita é um assunto

¹⁸ One of the most important questions that has to be answered in relation to dark tourism is whether or not it is moral to promote and commercialize sadness and death for the purpose of attracting visitors (Stone, 2011a). This is because death entering the arena of consumption gives birth to a range of moral problems and concerns (STONE apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 15).

importante que merece reflexão profunda (STONE; SHARPLEY, 2008). Auschwitz é um local de tristeza e contemplação profundamente enraizado, em oposição de ser um lugar para entretenimento (HODGKINSON, 2013). Vários visitantes compartilham experiências marcantes e significativas; no entanto há também aqueles que não apreciam a serenidade do local pensando nele apenas como mais um destino turístico comum (UDAS; GURUNG, 2024). Embora muitas pessoas possam ser impulsionadas pelo turismo sombrio, há uma constante busca por compreender a história e o contexto, mesmo entre aqueles que possuem menos conexões emocionais com o lugar (STONE; SHARPLEY, 2008).

É crucial encontrar uma metodologia que respeite tanto os objetivos educacionais quanto o senso de inclusão da comunidade local (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024). Além das visitas locais devem incluir também um programa educativo sobre o Holocausto para enriquecer o conhecimento dos visitantes sobre esse período histórico tão crucial. É fundamental que escolas, universidades, centros culturais, promovam debates sobre o valor da preservação da memória histórica para que Auschwitz não seja apenas um local distante, mas sim um símbolo ativo na luta contra intolerância, opressão social, discriminação, entre outros males que assolam nossa sociedade contemporânea (UDAS; GURUNG, 2024).

Alguns visitantes podem priorizar seus próprios interesses em detrimento das considerações éticas do local, buscando entretenimento ou emoção. Diferentes tipos de turistas se comportaram de maneiras um pouco diferentes. [...] Outros, que compreendem sua relevância histórica e a necessidade de comportamento ético, podem abordá-lo com um desejo sincero de aprender e mostrar respeito (UDAS; GURUNG, 2024, p. 16, tradução nossa).¹⁹

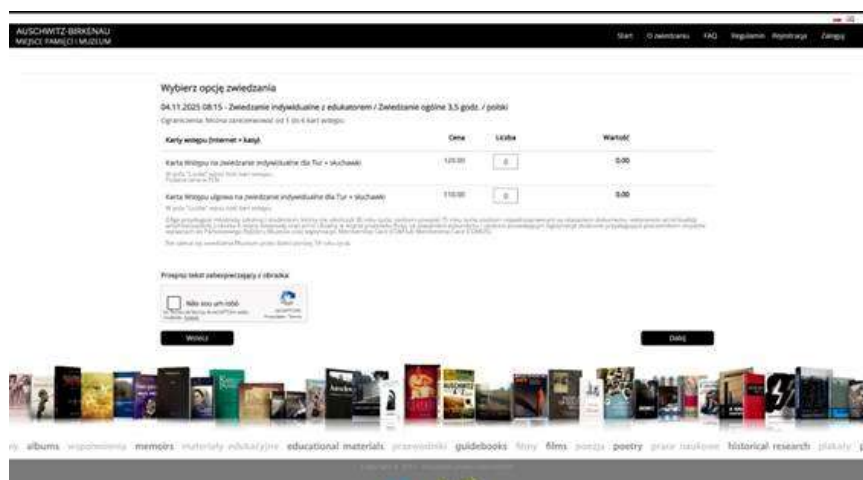
É importante reconhecer que o memorial tem um propósito educacional e está inserido em um contexto mais amplo de turismo e consumo, assim sendo necessário manejá-lo com responsabilidade para preservar sua memória (STONE; SHARPLEY, 2008). De acordo com dados oficiais do Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau, “em 2017 foram recebidos mais de 2,1 milhões de visitantes” e segue atraindo um

¹⁹ Some visitors could put their own interests ahead of the site's ethical considerations to find amusement or excitement. Different types of tourists will behave in somewhat different ways. [...] Others who understand its historical relevance and the necessity for moral behavior could approach it with a sincere desire to learn and show respect (UDAS; GURUNG, 2024, p. 16).

número alto de visitantes, tendo “mais de 1,8 milhões de visitantes em 2024”. Resultando em uma média de 5 mil visitantes diariamente (POLSKIE RADIO, 2024, tradução nossa).

Essa alta demanda mostra como o mercado pode impactar até mesmo espaços que deveriam ser dedicados à memória e contemplação. Com esse grande número de visitas, a venda de ingressos que existe acaba reforçando a mercantilização do lugar: uma visita guiada de 3 horas e meia custa cerca de 120 zlotys poloneses (cerca de R\$ 177,00), de acordo com os preços que estão no site oficial do museu (VISITAUSCHWITZ.INFO, 2025), conforme figura 5. Embora o preço do ingresso não seja a principal crítica, ele se conecta a uma questão maior: a acessibilidade e a comercialização da memória. Um local com tanta relevância histórica, que deveria focar na educação e reflexão, começa a adotar práticas mais parecidas com as do turismo de massa.

Figura 5: Página de compra de ingressos do Museu de Auschwitz.



Fonte: <https://visit.auschwitz.org/?lang=en>, Nov 2025.

O crescente interesse por Auschwitz como destino turístico levanta preocupações sobre a capacidade da região de lidar com esse aumento sem comprometer sua autenticidade histórica (HODGKINSON, 2013). A necessidade de instalações para receber milhões de visitantes pode modificar o ambiente e enfraquecer, de certas maneiras, sua verdadeira essência histórica (AUSCHWITZ-BIRKENAU, 2025), indicando que o aumento do turismo e a subsequente demanda por infraestrutura podem impactar negativamente as experiências autênticas e históricas dos visitantes.

Auschwitz está gradualmente sendo absorvido no circuito turístico de massa junto com outros locais sombrios de destaque; sua narrativa original muitas vezes perde espaço para os interesses puramente lucrativos que dominam o setor atualmente (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). a memória do local tende a se dissipar ao longo dos anos transformando-se em algo mais parecido com um show comercial do que um espaço de profunda contemplação interna (STONE; SHARPLEY, 2008).

Com o tempo, o turismo sombrio evoluiu de um nicho de mercado motivado pela curiosidade mórbida para um setor mainstream (principal/convencional) impulsionado pela comercialização. Na modernidade, a morte e a perda de um ente querido têm sido tipicamente experiências privadas, mas devido à comercialização, elas se tornaram progressivamente parte do consumo (CHEN; XU, apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 14 , tradução nossa).²⁰

Isso poderá resultar em uma fetichização da mercadoria em que o sofrimento humano se tornará um produto para consumo (MARX, 1996). Esse desdobramento não só afasta os visitantes da realidade histórica e emocional dessas locações como também distorce a finalidade original de preservação da memória (STONE; SHARPLEY, 2008). Em locais como Auschwitz ou outros destinos turísticos sombrios similares, existe o risco de transformar a venda de ingressos em algo banal que trivializar a tragédia ali ocorrida (KOSTAS et al., 2009); isso transformaria uma simples visita em entretenimento desprovido da seriedade necessária para respeitar o passado. Isso nos leva a refletir sobre como no contexto capitalista até mesmo a lembrança histórica pode ser subjugada pela lógica do consumo e do lucro (KORSTANJE, 2015); surge então a questão de até onde é possível mantermos o real significado dessas localidades diante das exigências do mercado (UDAS; GURUNG, 2024).

²⁰ Over time, dark tourism has evolved from a niche market motivated by morbid curiosity to a mainstream sector fueled by commercialization. In modernity, death and the loss of a loved one have typically been private experiences, but due to commercialization, they have progressively become a part of consumption (CHEN; XU apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 14).

Infelizmente, foram vistos vários casos em que os visitantes priorizam a captura de conteúdo para suas publicações nas redes sociais em vez de demonstrar o respeito apropriado ao local memorial e reconhecer o significado emocional a ele ligado (SMITH; BEECH, apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 65, tradução nossa).²¹

As instituições encarregadas da administração de locais memoriais como Auschwitz devem implementar medidas rigorosas para assegurar que as visitas sejam respeitosas e educativas (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024); no entanto, a realidade frequentemente se perde diante da lógica comercial (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). Apesar das diretrizes de comportamento existentes assim como materiais educativos bem desenvolvidos, a prática comercial muitas vezes desvirtua a memória histórica dessas áreas (STONE; SHARPLEY, 2008).

A presença de lojas de souvenirs no local que vendem itens como chaveiros e camisas ilustra como um evento histórico é transformado em um produto turístico (CHEN; XU, 2020). Mas a mercantilização em Auschwitz vai além de apenas ter uma loja de souvenirs. Ela se mostra numa rede complicada de interações entre a gestão pública e o mercado, a acessibilidade econômica e a preservação da história. O grande desafio aqui é encontrar um equilíbrio entre honrar a memória das vítimas e garantir a sustentabilidade financeira do lugar (UDAS; GURUNG, 2024).

Por outro lado, Sharpley (2009) propôs um conjunto de princípios concebidos para orientar a gestão responsável do local, a fim de abordar tais problemas éticos ligados à comercialização. Esses princípios destacam a necessidade de comportamento respeitoso dos turistas, sinalização apropriada e gestão sensível do local. Sharpley (2009) acrescentou ainda que a comercialização (deve ocorrer) enquanto se preserva a dignidade e a importância histórica dos locais de turismo sombrio (SHARPLEY, apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 20, tradução nossa).²²

Além disso, a lógica de mercado que impulsiona a atividade comercial traz consequências para as condições de trabalho dos colaboradores, que muitas vezes

²¹ Unfortunately, several instances have been seen where visitors prioritize capturing content for their social media posts rather than showing appropriate respect to the memorial site and acknowledging the emotional significance attached to it (SMITH; BEECH apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 65).

²² To address such ethical problems tied to commercialization that highlight the necessity for respectful tourist behavior, appropriate signage, and sensitive site management. Sharpley (2009) further added that commercialization while preserving the dignity and historical importance of dark tourism sites (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024, p. 20).

desempenham funções pouco satisfatórias (MARTONI, 2019); isso levanta a questão de como a promoção do turismo em Auschwitz como atração popular pode, inadvertidamente, desvirtuar seu propósito original de ser um espaço de reflexão e de preservação da memória histórica (STONE; SHARPLEY, 2006). É pertinente notar, entretanto, que a dinâmica não é monolítica: quem está ligado ao Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau — guias, conservadores, educadores — disfruta de vínculo institucional e, relativamente, de estabilidade, sinalizando uma estrutura de gestão pública; já o cenário turístico ao redor, composto por guias autônomos, agências regionais e prestadores terceirizados, costuma refletir a precariedade típica do mercado de turismo, com contratos de curta duração e remuneração oscilante (MARTONI, 2019). Essa divergência deixa claro como a lógica mercadológica ainda se impõe, mesmo em locais de natureza memorial (KORSTANJE, 2015).

Neste cenário, torna-se imprescindível que a direção se guie por princípios éticos que extrapolam as normas habituais de conduta, buscando equilibrar o fluxo turístico com a preservação da memória histórica e a valorização dos trabalhadores (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024). Paralelamente, o museu mantém políticas de ingresso gratuito destinadas a grupos educativos e visitas institucionais, reforçando seu compromisso com a função social e pedagógica, ao passo que procura atenuar os efeitos da mercantilização (STONE; SHARPLEY, 2008).

Para garantir que sua presença crescente à memória coletiva sem alimentar a perda desejada, é crucial avaliar constantemente o turismo em Auschwitz (HODGOKINSON, 2013). A história do Holocausto tem grande relevância para ser transformada em mera atração consumista (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). Assim sendo, a gestão desses locais deve se atentar aos propósitos dos visitantes e aos impactos na comunidade local (UDAS; GURUNG, 2024), evitando que se torne apenas mais um destino turístico massificado (KOSTAS et al., 2009).

Enquanto indivíduos na sociedade ponderam sobre o papel de locais como Auschwitz na preservação da história e no combate à intolerância (STRANGE; KEMPA, 2003), investigadores, educadores, turistas incluídos, a manutenção da memória das vítimas se revela como uma responsabilidade coletiva que transcende interesses comerciais ou pessoais (O'DONOGHUE apud STONE, 2006). Isso significa que apesar de ser dever de todos preservar essa memória, é fundamental que a interação dos visitantes com a narrativa local seja equilibrada com cuidado

para assegurar uma aprendizagem autêntica e respeitosa (STONE; SHARPLEY, 2006).

O governo e a indústria devem desenvolver regulamentações para garantir que o turismo sombrio permaneça ético e responsável. Essas regulamentações poderiam abranger o comportamento dos visitantes, a manutenção do local e a transparência financeira. Além disso, a relação entre comercialização e ética no turismo sombrio é complicada e multifacetada. Embora a comercialização possa contribuir para a preservação desses locais para as futuras gerações, ela simultaneamente levanta questões sobre a possível destruição da dignidade e da memória associadas ao destino. Manter um equilíbrio perfeito entre os interesses econômicos e as necessidades éticas de respeito e preservação é um desafio contínuo nesta indústria (UDAS; GURUNG, 2024, p. 21, tradução nossa).²³

Acredita-se que Auschwitz-Birkenau deve ultrapassar a mera atração turística com focos exclusivos em lucratividade e visitantes; antes disso deve ser um santuário de lembrança histórica profunda para educar sobre os fatos passados com reflexão genuína acima de interesses financeiros ou comerciais predominantes na sociedade moderna (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024). Isso implica que a gestão de Auschwitz deve equilibrar as necessidades econômicas com uma abordagem ética sólida para evitar transformar o sofrimento em mercadoria (MARX, 1996), garantindo que a experiência no local seja autenticamente educativa e não apenas um ponto de interesse comercial (STONE; SHARPLEY, 2008).

²³ That government and industry should develop regulations to ensure that dark tourism remains ethical and responsible. These regulations could encompass visitor behavior, site maintenance, and financial transparency. Furthermore, the relationship between commercialization and ethics within dark tourism is complicated and multi-layered. While commercialization may contribute to the preservation of these sites for future generations, it simultaneously raises questions about the possible destruction of the dignity and memory associated with the destination site. Maintaining a perfect balance between economic interests and the ethical necessities of respect and preservation is continuing challenge in this industry (UDAS; GURUNG, 2024, p. 21).

4.2 Chernobyl (Ucrânia): O fascínio pela catástrofe nuclear

Chernobyl na Ucrânia é um dos exemplos mais marcantes do turismo sombrio devido ao acidente nuclear de 1986 que deixou consequências duradouras no meio ambiente e na vida das pessoas afetadas pelo desastre radioativo (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010). A área conhecida como “zona de exclusão” de Chernobyl se transformou em um destino turístico extremamente popular entre aqueles que buscam vivenciar uma atmosfera pós-apocalíptica única (STONE, 2012). Contudo, essa situação levanta diversas questões éticas e sociais relacionadas à exploração de tragédias como pontos turísticos para entretenimento e distração das pessoas. Merrill e Schmidt (2010) afirmam que “a Zona é um mundo separado, um mundo dentro do resto do mundo, e é mais poderosa do que qualquer coisa que a literatura tem a dizer” (MERRILL; SCHMIDT, 2010, p. 43, tradução nossa), ressaltando a singularidade desse local e a intensidade do sofrimento que persiste.

O desastre em Chernobyl é lembrado como um dos piores acidentes nucleares da história devido aos impactos duráveis que deixou até os dias atuais (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010). Após a explosão do quarto reator nuclear na cidade que já foi um próspero centro de engenharia e de pesquisa, a evacuação se tornou necessária. A contaminação radioativa se espalhou por extensas áreas, resultando em uma evacuação em larga escala e redefinindo a região através da criação de uma “zona de exclusão” (MERRILL; SCHMIDT, 2010). Atualmente, a área permanece abandonada e sombria, a tragédia ocorrida lá ainda ecoa na memória coletiva (STONE, 2013), certamente marcante até hoje.

Essa exploração turística de Chernobyl traz debates sobre comercialização da memória do local, pois muitas vezes a tragédia é romantizada para oferecer uma experiência cativante aos visitantes (STONE, 2012). Empresas especializadas oferecem tours guiados pela zona de exclusão como um lugar exótico e perigoso (DOBRSZCZYK apud STONE, 2013) sem priorizar aspectos como condições dos funcionários e impactos ambientais associados (BANASZKIEWICZ, 2022). Vários guias são antigos moradores ou possuem conexões com o local (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010) e devem seguir rigorosas normas de segurança devido à presença contínua de radiação.

Chernobyl sendo transformado em atração turística levanta dilemas sobre a ética de explorar um lugar que ainda carrega consequências ambientais intensas para humanos ainda hoje em dia (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010). Embora a Ucrânia regule o turismo em seu território, ele é liderado por empresas privadas que se aproveitam do interesse dos visitantes. Esses turistas podem ser amantes de história ou aventureiros atraídos pela aura de mistério e paisagens pós-apocalípticas (STONE, 2012). Essas circunstâncias levantam questionamentos sobre a autenticidade da preservação da memória: por um lado mantém viva a lembrança do desastre (O'DONOGHUE apud STONE; SHARPLEY, 2006), mas por outro lado pode exagerar sua verdadeira dimensão e significado.

A crescente popularidade de Chernobyl como destino turístico reflete o interesse da sociedade atual pelo apocalipse e pela queda da civilização (STONE, 2013). A série de TV Chernobyl lançada em 2019 desempenhou um papel importante ao atrair visitantes para a região afetada pelo desastre nuclear (TERCIER apud STONE; SHARPLEY, 2008). Além de conscientizar sobre os horrores das tragédias passadas, a dramatização desses eventos trágicos também desperta curiosidade pelo lado sombrio e contribui para romantizar um incidente marcado por perdas humanas e deslocamentos em massa (KOSTAS et al., 2009).

Eles eram jovens. Estão morrendo agora, mas entendem que, se não fosse por eles, a catástrofe poderia ter sido muito pior... Essas são pessoas que vieram de uma determinada cultura, a cultura da grande conquista. Eles foram um sacrifício... Essas pessoas não existem mais, apenas seus documentos em nosso museu... Eu os considero heróis, não vítimas. Chamam de acidente. Mas foi uma guerra. Os monumentos de Chernobyl parecem monumentos de guerra (ALEXIEVICH, apud MERRILL; SCHMIDT, 2010, p. 44, tradução nossa).²⁴

Esta etapa de um evento triste evidência não somente a curiosidade inerente ao ser humano, mas também a atração por narrativas catastróficas que frequentemente subestimam o sofrimento genuíno envolvido (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010). Muitos turistas buscam uma experiência única que os

²⁴ They were young guys. They're dying now, but they understand that if it wasn't for them, the catastrophe could have been a lot worse... These are people who came from a certain culture, the culture of the great achievement. They were a sacrifice... Those people don't exist anymore, just their documents in our museum... I consider them heroes, not victims. They call it an accident. But it was a war. The Chernobyl monuments look like war monuments (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010, p. 44)

faça sentir imersos em um cenário pós-apocalíptico sem se aprofundar no peso emocional e histórico do local visitado (STONE, 2012). Para os sobreviventes e familiares das vítimas do desastre, essa investigação pode servir como uma maneira de honrar aqueles impactados pela radiação e pela ruptura social (STRANGE; KEMPA, 2003). Conforme relatado em uma entrevista de Alexievich:

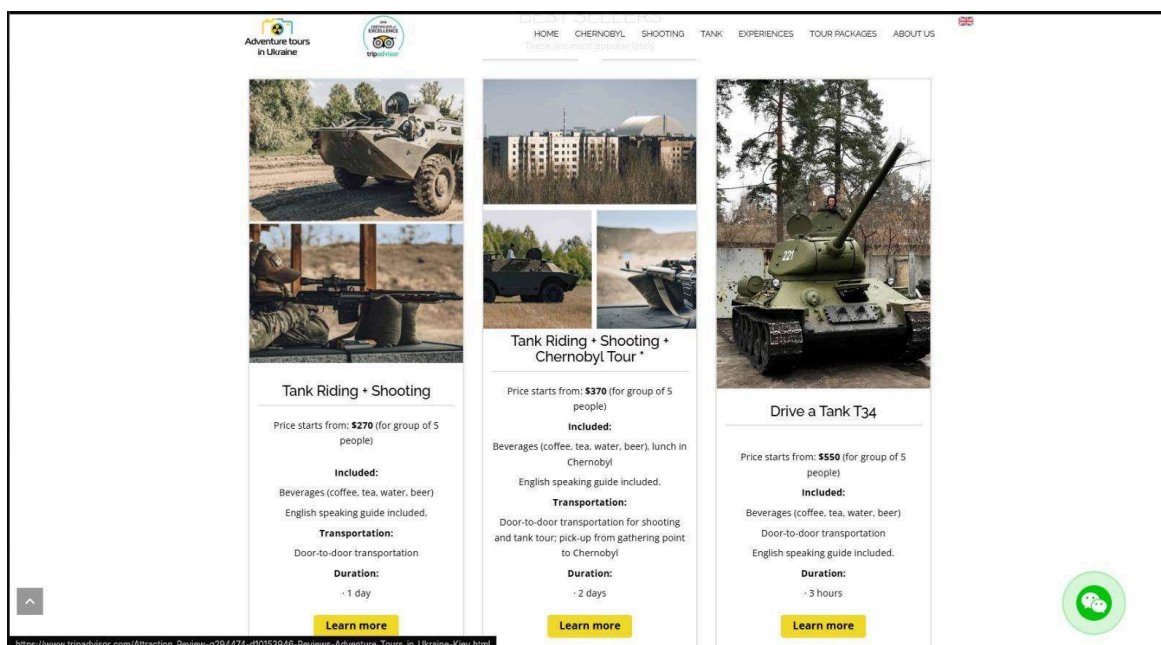
Aqui, somos todos Chernobylitas. Em qualquer outro lugar, somos estrangeiros, somos leprosos. Temos medo de tudo. Temos medo dos nossos filhos e dos nossos netos, que ainda não existem. Eles não existem, e já temos medo. As pessoas sorriem menos, cantam menos nas festas. Todo mundo está deprimido. É uma sensação de condenação (ALEXIEVICH, apud MERRILL; SCHMIDT, 2010, p. 42, tradução nossa).²⁵

Muitas pessoas veem a exploração do sofrimento alheio como um negócio no turismo (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008), como uma oportunidade de se conectar diretamente com aqueles que de fato enfrentaram as consequências da tragédia (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010). Do ponto de vista econômico é possível observarmos que o turismo em Chernobyl se tornou uma fonte de rendimento significativa para a região afetada pelo desastre nuclear ocorrido décadas atrás (BANASZKIEWICZ, KRUCZEK; DUDA, 2017).

O turismo em Chernobyl é promovido principalmente por agências privadas que possuem autorização estatal, oferecendo visitas guiadas à zona de exclusão que permitem aos turistas explorarem as ruínas da cidade abandonada e da usina nuclear (GO2CHERNOBYL, 2025) e outras áreas impactadas pela catástrofe química resultante do acidente. O custo dos passeios varia, mas gira em torno de 270 a 550 dólares, como observado na figura 6, dependendo da duração e dos serviços incluídos. No entanto, a transformação desta tragédia em um produto turístico desperta reflexões sobre os limites morais do capitalismo e sua capacidade de explorar inclusive os eventos mais devastadores para fins financeiros (MARX, 1996).

²⁵ We were afraid. Here, we're all Chernobylites. Anywhere else, we're foreign, we're lepers. We're afraid of everything. We're afraid for our children, and for our grandchildren, who don't exist yet. They don't exist, and we're already afraid. People smile less, they sing less at holidays. Everyone's depressed. It's a feeling of doom (ALEXIEVICH apud MERRILL; SCHMIDT, 2010, p. 42).

Figura 6: Página de pacotes turísticos para Chernobyl.



Fonte: <https://adventureua.com/en>, Ago 2025.

Os profissionais que conduzem as visitas — em sua maioria guias locais ou antigos moradores da região — trabalham sob contratos temporários e em condições bastante precárias, revelando a lógica de mercado que permeia o chamado turismo sombrio (MARTONI, 2019). Ao contrário do caráter público e educativo que se observa em Auschwitz, em Chernobyl não há políticas de gratuidade nem programas institucionais voltados a escolas ou grupos pedagógicos (BANASZKIEWICZ, KRUCZEK; DUDA, 2017); o acesso fica, portanto, restrito àqueles que conseguem arcar com os pacotes turísticos, cujos valores são consideravelmente elevados.

Esse arranjo reforça a ideia de que a memória está cada vez mais mercantilizada (CHEN; XU, 2020) e que o acesso a ela permanece desigual, já que a tragédia nuclear se transforma em um atrativo turístico carregado de peso simbólico e valor econômico (FOLEY; LENNON apud STONE; SHARPLEY, 2008). O lugar, antes marcado pela catástrofe e pelo luto, passa a ser um cenário de consumo (STONE, 2012)— onde o interesse financeiro ofusca a reflexão histórica ou social (MUZAINI apud STONE; SHARPLEY, 2008). Assim, o turismo em Chernobyl ilustra o ápice da exploração da dor, operando quase exclusivamente sob a lógica do capital (MARX, 1996), com quase nenhuma intervenção pública voltada à preservação ética

ou educativa. Além disso, o turismo em Chernobyl pode servir também como uma oportunidade para refletir sobre questões mais amplas relacionadas ao uso da energia nuclear e os diversos desafios ambientais e éticos ligados à sua adoção e exploração (BANASZKIEWICZ, KRUCZEK; DUDA, 2017).

Os lugares de turismo sombrio podem existir em um cilindro conceitual de espaço heterotópico, onde cada princípio de heterotopia, sem uma ordem particular, em vez de oferecer uma experiência linear, se combina para proporcionar um encontro turístico abrangente com outros lugares (STONE, 2013, p. 15, tradução nossa).²⁶

O incidente em Chernobyl tornou-se um aviso global sobre os perigos da energia nuclear (DOBRASZCZYK apud STONE, 2013). Ao visitarem Chernobyl os turistas são incentivados a refletir sobre as consequências das decisões tecnológicas e políticas para o futuro da humanidade e do planeta Terra (STRANGE; KEMPA, 2003). Contrariamente a serem apenas turistas passivos que visitam o local de Chernobyl, têm a chance de participar de discussões sobre as decisões políticas e tecnológicas que moldam nosso mundo e ambiente (STONE; SHARPLEY, 2008).

Portanto não se pode analisar o turismo de Chernobyl isoladamente: ao contrário disso, deve ser considerado dentro do contexto do desejo da sociedade por experiências que desafiam os limites morais e éticos (STONE, 2013). Com a tendência do capitalismo em transformar até mesmo as tragédias mais profundas em produtos comerciais (MARX, 1996), Chernobyl é um exemplo evidente de como locais de desastres podem se tornar atrações turísticas (STONE, 2012). No entanto, é necessário refletir criticamente sobre os limites da exploração e da dignidade humana nesse contexto (UDAS; GURUNG, 2024); devemos questionar se a comercialização de lugares de sofrimento pode ser considerada ética e até que ponto é aceitável transformar a dor em entretenimento consumível (KORSTANJE, 2015).

De fato, o local de Chernobyl oferece um espaço de contrapeso que nos conecta às preocupações atuais sobre a possível ruína dos nossos próprios ambientes. Assim, a experiência turística em Chernobyl ocorre em um ambiente (relativamente) seguro e socialmente sancionado, no qual os sentimentos de impotência diante da impossibilidade de prevenir o acidente estimulam uma maior consciência sobre a fragilidade do nosso mundo moderno.

²⁶ Dark tourism places may exist in a conceptual cylinder of heterotopian space, whereby each principle of heterotopia in no particular order, rather than giving a linear experience, combine to provide an encompassing tourist encounter of other places (STONE, 2013, p. 15).

Nesse contexto, qualquer sensação de impotência causada pela experiência turística em Chernobyl é compensada como uma resposta positiva e enriquecedora à inevitabilidade (DOBRASZCZYK, apud STONE, 2013, p. 14, tradução nossa).²⁷

Em última análise, o tema do turismo em Chernobyl destaca como é crucial preservar memórias que moldam quem somos em meio à sociedade moderna (STRANGE; KEMPA, 2003) e nos dá a chance de extrair lições do passado para avaliar nossas decisões presentes e prevenir futuras tragédias ao visitar lugares marcados pela dor (DOBRASZCZYK apud STONE, 2013). É importante conduzir o turismo responsável nessas áreas com respeito às vidas perdidas enfatizando educação e reflexão sincera (SHARPLEY apud UDAS; GURUNG, 2024).

²⁷ Indeed, the place of Chernobyl offers a counter balance space that links us to present-day concerns of the possible ruin of our own environments. Therefore, the Chernobyl tourist experience takes place in a (relatively) safe and socially sanctioned environment in which feelings of helplessness of preventing the accident stimulates an enhanced awareness of the fragility of our modern world. In that context, any notion of helplessness caused by a Chernobyl tourist experience is compensated as a positive and lifeenhancing response to the inevitable (DOBRASZCZYK apud STONE, 2013, p. 14).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o turismo sombrio foi examinado não como simples curiosidade, mas como sintoma da própria dinâmica da sociedade capitalista. A partir de uma abordagem crítica ancorada na teoria marxista, evidencia-se como a lógica da mercadoria – com seu fetichismo e a incansável busca pela mais-valia – penetra e transforma a maneira como lidamos com a memória, a dor e a morte.

A justaposição entre Auschwitz e Chernobyl se revelou extremamente elucidativa: ao passo que o primeiro, sob a égide de uma administração pública de cunho pedagógico, ainda que de forma precária, erige uma barreira contra a mercantilização plena, o segundo se apresenta como o pináculo da lógica do espetáculo, convertendo a catástrofe numa experiência consumível para um segmento de mercado restrito.

Ao introduzir o conceito de fetichismo da mercadoria, ficou claro que converter áreas marcadas por tragédia em “produtos turísticos” encobre as relações sociais e o trabalho – intelectual, emocional e físico – necessários à sua conservação. Em Chernobyl, esse fetichismo se revela de maneira ostensiva, ao oferecer o que se promove como uma “aventura pós-apocalíptica”. Em Auschwitz, o fenômeno aparece de forma mais sutil, porém igualmente presente, nas lojas de souvenirs, na precarização do trabalho terceirizado e na massificação que pode acabar banalizando a experiência.

A investigação também trouxe à luz que até mesmo iniciativas que se apresentam como éticas ou pedagógicas se encontram, inexoravelmente, imersas nessa lógica de mercado. A mera “conscientização” do turista, assim como a boa vontade de agentes pontuais, revela-se insuficiente para romper a teia estrutural que coloca o valor de permuta acima do valor de uso, convertendo, inclusive, a própria reflexão sobre o sofrimento em uma mercadoria.

Para as pesquisas que virão, recomenda-se aprofundar a investigação das condições de trabalho nesses espaços, sondar iniciativas de gestão comunitária que desafiem a lógica de mercado e promover um diálogo mais intenso com teorias decoloniais que ponham em questão qual memória está sendo mantida e a quem ela beneficia. O caminho para uma relação mais ética com o passado não se encontra na formação do turista-consumidor, mas na reconfiguração das estruturas que convertem história e dor em meras mercadorias.

REFERÊNCIAS

ARNOULD, E. J; PRICE, L. L. River magic: extraordinary experience and the extended service encounter. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 20, n. 1, p. 24–45, jun. 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2489198>. Acesso em: 26 jan. 2026.

AUSCHWITZ-BIRKENAU. **Página oficial**. [Oświęcim]: Auschwitz-Birkenau Memorial and Museum, 2025. Disponível em: <https://www.auschwitz.org/en/visiting/basic-information>. Acesso em: 8 nov. 2025.

BANASZKIEWICZ, M. The Transgressive Approach to the Dark Tourism Experience: Stalkerism in the Chernobyl Exclusion Zone. **Polish Sociological Review**, Poland, n. 3, p. 367- 384, 2022. Disponível: <https://polish-sociological-review.eu/pdf-153533-78205>. Acesso em: 8 nov. 2025.

BANASZKIEWICZ, M; KRUCZEK, Z; DUDA, A. The Chernobyl Exclusion Zone as a tourist attraction: reflections on the turistification of the zone. **Folia Turistica**, Poland, v. 44, n. 10, p. 145-169, 2017. Disponível em: <https://foliaturistica.pl/article/108736/en>. Acesso em: 8 nov. 2025.

CHEN, S; XU, H. The moral gaze in commercialized dark tourism. **Current Issues in Tourism**, [S.I.], v. 24, n. 15, p. 2167-2181, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13683500.2020.1828309>. Acesso em: 14 mar. 2026.

CORTINA, A. Ética mínima: introducción a la filosofía práctica. 6. ed. Madrid: **Tecnos**, 2000. Disponível em: https://tallersurzaragoza.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/11/cortina_adela-etica_minima.pdf. Acesso em: 02 nov. 2025.

FOLEY, M; LENNON, J. J. JFK and dark tourism: a fascination with assassination. **International Journal of Heritage Studies**, London, v. 2, n. 4, p. 198–211, 1996. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13527259608722175>. Acesso em: 25 jan. 2026.

GO2CHERNOBYL. **Regras de visita**. [S.I.]: Go2Chernobyl, 2025. Disponível em:

<https://go2chernobyl.com/en/info/pravila-poseshheniya>. Acesso em: 8 nov. 2025.

HODGKINSON, S. The concentration camp as a site of 'dark tourism'. **Témoigner**. Entre histoire et mémoire, n. 116, p. 22–32, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/temoigner/272>. Acesso em: 05 ago. 2025.

KORSTANJE, M. E. **The anthropology of dark tourism: exploring the contradictions of capitalism**. Leeds: Centre for Ethnicity and Racism Studies, University of Leeds, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/287968233_The_anthropology_of_dark_tourism_Exploring_the_contradictions_of_capitalism . Acesso em: 14 mar. 2026.

KOSTAS, A. F; VANMAN, E; HEINRICH, C. C; AVRAMIDES, M. N. Desensitization to media violence over a short period of time. **Aggressive Behavior**, v. 35, n. 2, p. 179–187, 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ab.20295>. Acesso em: 05 ago. 2025.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

LIGHT, D. Progress in dark tourism and thanatourism research: An uneasy relationship with heritage tourism. **Tourism Management**, v. 61, p. 275-301, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517717300092?via%3Dihub> . Acesso em: 05 ago. 2025.

MARTONI, R. M. **Turismo & Capital**. Curitiba: Appris, 2019.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/marx-capital-1-portugues.pdf. Acesso em: 05 ago. 2025.

MERRIL, S.; SCHMIDT, L. A Reader in Uncomfortable Heritage and Dark Tourism. Cottbus: **BTU Cottbus**, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/35524527/A_Reader_in_Uncomfortable_Heritage_and_Dark_Tourism. Acesso em: 05 ago. 2025.

NEVES, C. M. F. S. **Dark Tourism: Reflexões sobre Memória, História e Comercialização**. 2024. Trabalho de Graduação Individual (Bacharelado em Geografia) — Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/0977c0f5-d2e7-4787-9405-e2b4c3d98b74/2024_CamillaMouraFontesDosSantosNeves_TGI.pdf. Acesso em: 05 ago. 2025.

PODOSHEN, J. S. Dark tourism motivations: Simulation, emotional contagion and topographic comparison. **Tourism Management**, v. 35, p. 263–271, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517712001380?via%3Dihub>. Acesso em: 05 ago. 2025.

ROBINSON, R. N. S; MARTINS, A; SOLNET, D.; BAUM, T. Sustaining precarity: critically examining tourism and employment. **Journal of Sustainable Tourism**, [S.l.], v. 27, n. 4, p. 1-18, jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09669582.2018.1538230>. Acesso em: 15 mar. 2026.

STONE, P. R; SHARPLEY, R. Consuming dark tourism: a thanatological perspective. **Annals of Tourism Research**, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 574–595, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738308000261?via%3Dihub>. Acesso em: 02 nov. 2025.

STONE, P. R; SHARPLEY, R. The darker side of travel: the theory and practice of dark tourism. Bristol: **Channel View Publications**, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280887949_The_Darker_Side_of_Travel_The_Theory_and_Practice_of_Dark_Tourism20121Richard_Sharpley_and_Phillip_R_Stone_The_Darker_Side_of_Travel_The_Theory_and_Practice_of_Dark_Tourism_Bristol_UK_Channel_View_Pub. Acesso em: 02 nov. 2025.

STONE, P. R. Dark tourism, heterotopias and post-apocalyptic places: the case of Chernobyl. In: WHITE, L.; FREW, E. (org.). Dark tourism and place identity. Melbourne: **Routledge**, 2013. Disponível em: https://knowledge.lancashire.ac.uk/id/eprint/27724/1/27724%20fulltext_stamped-3.pdf. Acesso em: 05 ago. 2025.

STONE, P. R. A dark tourism spectrum: towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. **Tourism, Zageb**, v. 54, n. 2, p.

145–160, 2006. Disponível em:

https://knowledge.lancashire.ac.uk/id/eprint/27720/1/27720%20fulltext_stamped.pdf.

Acesso em: 26 jan. 2026.

STONE, P. R. Dark tourism and significant other death: towards a model of mortality mediation. **Annals of Tourism Research**, [S.l.], v. 39, n. 3, p. 1565-1587, jul. 2012.

Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33220691/Dark_tourism_and_significant_other_death-libre.pdf?1394841691=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDARK_TOURISM_AND_SIGNIFICANT_OTHER_DEATH.pdf&Expires=1773618710&Signature=GT8zWWFCtObb0upjv6zoVdrktMY66KQVJ51YxAVeKjGzJB7H0CwwheZeeIVgojGxzzD-avUezEFN8HMKX2zieSVQAxQFjVIH13AURWBYGYScPB~cX0v7N61VfqcWllxdezZk7MMriEaNIgzQt1oyKLbZRry9Uhnua001Z-P-DEx6g3vmmsJFzhshbLy28uUK7ryqRpUqfsABiXWcxT38DIHijJF8fDQNN23O9jL1Bf4ZZw9371jHMShiivBYwIE4sF~J4fqHTJl1uW595OBWjn8TbJ17fU76-S-vwZL3XSmiRbE4MfodjHntGd8bgLk9m52PZrLArOKquhtnW2bLfQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA.

Acesso em: 15 mar. 2026.

STONE, P. R. Dark tourism scholarship: a critical review. *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, v. 7, n. 3, p. 307-318, 2013. Disponível em:

<https://scispace.com/pdf/dark-tourism-scholarship-a-critical-review-4h1zyan5x4.pdf>.

Acesso em: 14 mar. 2026.

STRANGE, C.; KEMPA, M. Shades of dark tourism: Alcatraz and Robben Island.

Annals of Tourism Research, v. 30, n. 2, p. 386–405, 2003. Disponível em:

<https://researchportalplus.anu.edu.au/en/publications/shades-of-dark-tourism-alcatraz-and-robben-island/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

TARLOW, P. Dark tourism: The appealing “dark” side of tourism and more. **Niche Tourism**, 47–58, 2005. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/284832598_Dark_tourism_The_appealing_%27dark%27_side_of_tourism_and_more. Acesso em: 05 ago. 2025.

TRIPS TO CHERNOBYL. **One Day Tour**. [S.l.]: Trips to Chernobyl, 2025. Disponível em: <https://trips-to-chernobyl.com/en/tours/one-day-tour>. Acesso em: 8 nov. 2025.

UDAS, B; GURUNG, T. M. **Ethical dilemma in dark tourism: a case of Auschwitz-Birkenau concentration camp – Poland**, Aalborg University, Aalborg, 2024. Disponível em:

https://projekter.aau.dk/projekter/files/645309921/Master_Thesis_Project_.pdf .
Acesso em: 26 jan. 2026.

URRY, J. *The Tourist Gaze*. 2. ed. London; Thousand Oaks; New Delhi: **SAGE Publications**, 1996. Disponível em:
https://www.negrophonic.com/pdfs/Urry-The_Tourist_Gaze_2nd_Edition.pdf. Acesso em: 05 ago. 2025.

XU, J. B. Perceptions of tourism products. **Tourism Management**, Hong Kong, v. 31, n. 5, p. 607–610, 2010. Disponível em:
linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0261517709001216 . Acesso em: 25 jan. 2026.